

ÍRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA

**AMBIVALÊNCIAS E SENTIMENTO DE CULPA NA VIVÊNCIA DA
MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA**

Brasília

2021

ÍRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA

**AMBIVALÊNCIAS E SENTIMENTO DE CULPA NA VIVÊNCIA DA
MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para a obtenção de grau em Psicologia.

Professor-Orientador: Juliano Moreira Lagôas

Brasília

2021

ÍRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA

**AMBIVALÊNCIAS E SENTIMENTO DE CULPA NA VIVÊNCIA DA
MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para a obtenção de grau em Psicologia.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagôas

BRASÍLIA, 7 DE DEZEMBRO DE 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Moreira Lagôas, Dr. - UniCEUB

Iara Flor Richwin

Prof^ª. Ciomara Schneider, Dra. - UniCEUB

AGRADECIMENTOS

A cada dia, agradeço ao trio que confia e me apoia em tudo o que me proponho a fazer, mesmo que isso implique em menos tempo juntos e ter que aturar dias de uma mãe ‘levemente surtada’. Muitas vezes, me vejo temerosa com tamanha confiança. E se eu estiver fazendo tudo errado? Mas os anos têm me mostrado que, entre erros e aprendizados, eu devo estar no caminho certo. Cayo, Júlia e Lis, vocês são exemplos de integridade, respeito ao próximo, solidariedade, amizade e amor. Meu trio maravilha, que compreende que correr atrás de outros desejos, além da maternidade, não diminui meu amor e preocupação por vocês. ‘Tão parecidos e tão diferentes’, que quando eu acho que aprendi um pouquinho sobre maternidade, vem o outro e me mostra que eu ainda não sei é nada. Só sei que vocês me motivam a sempre buscar ser uma pessoa melhor.

À minha mãe, Rejane Oliveira, que embora tenha um ‘estilo’ de maternidade menos ‘grudento’ que o meu, sempre, sempre, sempre confiou nas minhas decisões, mesmo pensando diferente de mim. Essa confiança também me assustava, mas hoje, sendo mãe, consigo compreender melhor. Você me mostrou desde cedo que a maternidade pode ser *uma* das dimensões da vida da mulher, não a única. Meu exemplo de perseverança. Obrigada pelo apoio e, sobretudo, pela avó irretocável que você é.

Leonardo e Humberto, exemplos de que uma parentalidade compartilhada, respeitosa e compreensiva traz benefícios para todos. Obrigada pela parceria em pensarmos juntos a educação dos meninos.

Ao meu orientador, Juliano Lagôas, que desde os meus primeiros projetos no Uniceub, com paciência e solidariedade ímpares, tem me ajudado a organizar os mil pensamentos embaralhados da minha mente sobrecarregada e dar a eles sentido. Sem a sua compreensão teria sido complicado conciliar estudos, maternidade, casa, profissão e saúde esses anos todos. Como você brincou algumas vezes, eu poderia escrever neste trabalho sobre a minha própria vida, e talvez tenha aqui bastante dela.

Agradeço, ainda, à Iara Flor Richwin, por se dispor a ser parecerista do projeto que nos trouxe até aqui, contribuindo com comentários e sugestões muito pertinentes para o desenvolvimento do tema. E à professora Ciomara Schneider, por gentilmente aceitar o convite para participar desta banca.

*Cayo, Juju e Lis, desejo a vocês asas e raízes.
Asas para que possam voar alto em busca dos seus sonhos.
Raízes que possam sempre nutri-los do amor e respeito
que temos construído juntos nestes anos de maternidade.
Amo vocês.*

RESUMO

Embora tenham passado a ser questionadas nas últimas décadas, a ideia de amor materno incondicional e a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família, ainda são bastante presentes na literatura e no senso comum. Somando a isso o fato de que as mulheres possuem hoje outros interesses e desejos que não os ligados exclusivamente à maternidade, essa visão contribui para aumentar angústias, sentimentos de culpa e sofrimentos psíquicos decorrentes das vivências da maternidade. Na sociedade contemporânea, ganham destaque valores como liberdade, exaltação do Eu e satisfação imediata – contraditórios com o discurso materno predominante, que prioriza o altruísmo e a satisfação do outro -, o que também contribui para despertar sentimentos ambivalentes nas mulheres. Nesse sentido, este trabalho procurou investigar, a partir da análise de sonhos e falas de mães e gestantes, o fenômeno da maternidade na sociedade atual. Para tanto, iniciamos apresentando estudos que questionam a ideia de um amor materno inato e defendem que ele se trata de uma construção social. Em seguida, discorremos sobre diferentes visões de psicanalistas que, ao atribuir à mulher a responsabilidade pelo desenvolvimento psíquico e emocional dos bebês, acabam por reforçar as angústias com que as mães se deparam. Na sequência, é abordada a ambivalência afetiva e o sentimento de culpa materno, demonstrando que a ambivalência, embora seja parte constituinte do ser humano, representa mais um fator gerador de culpa para mães. O terceiro capítulo introduz a teoria psicanalítica a respeito dos sonhos, para em seguida demonstrar a articulação dos conceitos apresentados anteriormente com relatos de sonhos recebidos por meio de formulários. No capítulo final, são analisadas entrevistas realizadas com duas das respondentes dos questionários, com a finalidade de aprofundar a compreensão a respeito das vivências, angústias e desejos da maternidade. Dessa forma, foi possível identificar diversos fatores que perpassam a maternidade, como sobrecarga, exaustão, desejos por liberdade, conflitos com a própria mãe, autocobrança etc. Ao final, o que se observa é que, mesmo diante de dificuldades, perdas, adaptações, conflitos de sentimentos e acúmulo de tarefas, o desejo de ser mãe ainda prevalece entre as mulheres. Legitimar os sofrimentos que decorrem da conciliação de seus variados papéis, desconstruir representações idealizadas acerca da maternidade e instituir redes de apoio efetivas são tarefas que podem contribuir para que a maternidade seja vivenciada de uma forma significativa e psicologicamente saudável.

Palavras-chave: Maternidade; Ambivalência; Sentimento de culpa; Sofrimento psíquico; Sonhos; Psicanálise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo I - DO MITO DO AMOR MATERNO ÀS LEITURAS PSICANALÍTICAS SOBRE MATERNIDADE	11
1.1 Maternidade como construção social	11
1.2 A maternidade sob a perspectiva da psicanálise	13
Capítulo II - AMBIVALÊNCIA AFETIVA E SENTIMENTO DE CULPA MATERNA	16
2.1 Sentimento de culpa em Freud e Nietzsche	18
2.2 Sentimento de culpa materno	20
“Primeiro a criança” – sobrecarga materna	20
O que se perde quando se ganha um bebê	21
A batalha do leite e La Leche League	23
Maternidade e carreira	25
Sobrecarga materna na atual sociedade do desempenho	26
Redes de apoio: quem cuida da mãe quando é ela quem cuida de todo mundo?	28
O caso das mães francesas	29
O desafio da educação	30
Vida amorosa e maternidade	31
Mães arrependidas	32
MÉTODO	34
Procedimentos de construção do material	36
Procedimento de análise	37
Capítulo III - SONHOS	38
3.1 Análise dos sonhos	41
Sobrecarga e exaustão	42
Supermulher	44
Sonhos de angústia	45
Sujeito desejante	47
Síndrome do ninho vazio	49
A mãe da minha mãe	51
Capítulo IV - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXO A – Formulário	69
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	74
ANEXO C – Roteiro para Entrevista Semiestruturada	77
ANEXO D – Parecer Consubstanciado do CEP	75

INTRODUÇÃO

As conquistas obtidas pelas mulheres nas últimas décadas possibilitaram a ampliação dos horizontes femininos em variadas direções. Os avanços e as principais pautas de cada época caracterizaram as assim chamadas “ondas” do movimento feminista.

O movimento teve origem na Revolução Francesa, em 1789, ao se notar que as grandes conquistas das Revoluções Liberais não contemplavam as mulheres. Com seu livro *Uma vindicação dos direitos da mulher*, de 1792, Mary Wollstonecraft inaugura a luta feminista, defendendo o acesso ao voto, à educação e ao direito das mulheres casadas de dispor sobre seu patrimônio (RIBEIRO, NOGUEIRA & MAGALHÃES, 2021).

Entre os anos 60 e 80, ocorre a segunda onda, pautada em questões sobre corpo e sexualidade. A obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicada em 1949, havia despertado reflexões sobre os significados sociais de ser mulher. Assim, começou-se a questionar a demarcação rígida de papéis de gênero, que terminavam por sobrecarregar ainda mais as mulheres, que passaram a trabalhar fora de casa e acumular tarefas domésticas e cuidados com os filhos. As "políticas do corpo" ganham destaque, e o movimento passa a lutar contra a violência sexual e defender os direitos das mulheres de assumirem plenamente seu corpo – incluindo decisões relacionadas a reprodução, aborto, prazer e contracepção (RIBEIRO, NOGUEIRA & MAGALHÃES, 2021).

Aqui, nota-se o surgimento dos métodos anticoncepcionais como importante e irreversível conquista para as mulheres – ao dissociar maternidade e destino (ALBERTUNI & STENGEL, 2016), e apresentar-lhes novas formas de vida até então indisponíveis, mesmo que esta diversificação ainda seja fonte de grandes conflitos.

A terceira onda do movimento enfrenta a questão das identidades, opondo-se ao conceito de gênero e defendendo a superação do binarismo homem-mulher. Judith Butler, em *Problemas de Gênero*, lançado nos anos 90, contribui com a discussão ao apontar que os mecanismos de poder têm interesse em sustentar as construções das identidades de gênero, sobretudo reforçando o modelo binário (RIBEIRO, NOGUEIRA & MAGALHÃES, 2021).

Embora a pauta levantada na terceira onda ainda se encontre muito presente, há quem aponte uma quarta onda do movimento feminista, que se relacionaria com a inserção da luta nas redes sociais, ao modificar a forma de o ativismo se organizar – potencializando mobilizações a princípio individuais, mas que, ao serem propagadas na rede, tornam-se coletivas (RIBEIRO, NOGUEIRA & MAGALHÃES, 2021).

Percebe-se, assim, a importância das lutas feministas pela defesa de direitos e na ampliação de possibilidades vivenciais às mulheres. No entanto, a efetiva igualdade entre homens e mulheres ainda é uma meta distante. Em um estudo realizado pelo Fórum Econômico Mundial, intitulado “The Global Gender Gap Report”, foram levantados dados de 149 países com relação à igualdade de gêneros, sob os aspectos político, econômico, educacional e de saúde (WORLD ECONOMIC FORUM, 2018), estimando-se que a lacuna global entre os gêneros demandará mais de 200 anos para eliminar as diferenças no local de trabalho.

Em 2018, menos mulheres trabalhavam do que homens, e a principal razão relaciona-se à maternidade. A falta de opções de infraestrutura para a assistência infantil mantém as mulheres longe de empregos ou de avançar para funções de liderança, de acordo com o estudo (WORLD ECONOMIC FORUM, 2018).

Ocupando hoje variados cargos e funções, que demandam cada vez maior qualificação, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades de casa e pelo cuidado dos filhos. De acordo com dados do IBGE (2016), constantes do Relatório ‘Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil’, em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas).

Além disso, nota-se uma excessiva cobrança por se atingir um ideal de mulher contemporânea: capaz de conciliar vida profissional, doméstica, independência, bem-estar, beleza, capacitação, e ser ao mesmo tempo mãe dedicada (NUNES, 2011), tornando necessário às mulheres criar diferentes estratégias para conciliar esses múltiplos papéis.

No que tange à maternidade – abrangendo aqui todos os seus momentos, desde as eventuais tentativas de se evitar a concepção, os tratamentos de infertilidade, o pré-natal, o parto, a interrupção da gravidez, até os cuidados com a saúde e a formação da criança - ela ainda aparece intimamente associada a conceitos como disponibilidade total, sacrifício, vocação inata e amor incondicional. Tais ideias contribuem para escamotear ambivalências, conflitos e angústias que afligem as mulheres, por vezes deslegitimando os sofrimentos advindos da maternidade e causando-lhes culpa.

Conforme destaca Zanello:

Muitas mulheres conseguem tirar proveito e prazer da maternidade, ou das atividades do lar, mas muitas sofrem, silenciosamente, frustradas e infelizes, e ainda se julgando anormais. Ou culpadas por não estarem à altura daquilo que é idealizado (ZANELLO, 2018, p. 152).

A sociedade não vê com bons olhos a existência de ambivalências afetivas no interior da experiência da maternidade, ou seja, espera-se que a mulher ame o filho acima de tudo e o tempo inteiro, restando pouco espaço para sua individualidade, ou seja, para a expressão dos conflitos vivenciados, elaboração das angústias e simbolização de traumas.

A realização de valores atualmente priorizados socialmente - como liberdade, exaltação do Eu e satisfação imediata – parece incompatível com a maternidade, que deveria valorizar o altruísmo, a doação e a satisfação do outro (ALBERTUNI & STENGEL, 2016). Esse conflito contribui para aumentar ainda mais o sentimento de culpa e sofrimento das mães. Estudar as ambivalências enfrentadas na maternidade pode auxiliar a esclarecer como as mulheres têm subjetivado os discursos que terminam por influenciar suas escolhas.

Analisar a relevância do apoio à maternidade não só para a saúde psíquica da mulher, mas de todos que a cercam, pode contribuir para fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que invistam na qualidade da gestação e da maternidade, buscando promover um equilíbrio entre as diferentes dimensões da vida da mulher e um possível ganho de desenvolvimento dos cidadãos.

Zanello aponta a escassez de espaço na mídia para se falar sobre o “mal-estar da maternidade, sobre o des(encontro) da pessoa mulher com a função de maternagem histórica e culturalmente a ela atribuída” (ZANELLO, 2018, p. 139).

Reforçando a importância de se abordar esse tema, a presente pesquisa teve como objetivo investigar o fenômeno da maternidade na sociedade contemporânea, procurando analisar a ambivalência afetiva e o sentimento de culpa maternos.

Para tanto, buscou-se identificar aspectos culturais e ideológicos subjacentes ao mito do amor materno; analisar possíveis articulações entre sentimento de culpa e ambivalência afetiva; e verificar o papel do sentimento de culpa na formação onírica de mães e gestantes. Por meio dos sonhos, pretendeu-se acessar os conflitos inconscientes vividos na maternidade, já que “o ato de sonhar e de relatar esses sonhos pelas mulheres, assim como o ato de escutar seus sonhos, já seria um ato analítico, subjetivante e produtor de linguagem” (RODRIGUES, 2021, p. 156).

CAPÍTULO I - DO MITO DO AMOR MATERNO ÀS LEITURAS PSICANALÍTICAS SOBRE MATERNIDADE

Com foco na questão da maternidade, busca-se aqui explorar o mito do amor materno e como seus impactos na construção dos conceitos de ‘feminino e masculino’ atribuíram uma responsabilização maior às mães na criação dos filhos.

Em seguida, apresentam-se os conceitos de diferentes psicanalistas sobre o tema, a partir dos quais depreende-se que o princípio psicanalítico segundo o qual as primeiras relações objetais entre bebê-mãe estariam na gênese de todas as relações futuras na vida individual contribui para aumentar a culpabilização das mulheres.

1.1 Maternidade como construção social

Zanello (2018) aponta a maternidade como uma construção social, submetida a uma série de transformações ao longo da história. O conflito que se observa entre os papéis de mãe e mulher é decorrente de questões ideológicas e não de uma suposta natureza feminina (IACONELLI, 2012).

Em seu livro *Sexo e Temperamento*, Margareth Mead problematizou as identidades sexuais a partir de uma perspectiva comparativa e transcultural, trazendo a noção de que os conceitos de masculino e feminino decorrem na verdade de uma construção social que busca modelar indivíduos de acordo com determinados tipos ideais (SARDENBERG, 2000).

A partir de seus estudos sobre as sociedades Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, Mead buscou demonstrar o papel da cultura nessa modelagem. Confrontando essas sociedades com os ideais hegemônicos do mundo ocidental, constatou que: para o povo Arapesh, o temperamento ideal era aquele tido como ‘naturalmente feminino’, ou seja, tanto homens como mulheres apresentavam o forte instinto maternal atribuído às mulheres nas sociedades ocidentais; para os Mundugumor, homens e mulheres apresentavam personalidade agressiva e implacável, predominando o temperamento ‘naturalmente masculino’; e na perspectiva dos Tchambuli, o temperamento visto nos homens era aquele que nas sociedades ocidentais reservava-se às mulheres, mais passivo e dócil, enquanto as mulheres eram mais agressivas e dominadoras (SARDENBERG, 2000).

Com base nisso, Mead concluiu que os traços de personalidade que identificamos como masculino ou feminino “são tão determinados pelo sexo quanto as vestimentas, maneiras ou o

tipo de chapéu que uma sociedade em um determinado período designa para cada sexo” (MEAD apud SARDENBERG, 2000, p. 83). Ou seja, funções femininas e masculinas são definidas socialmente de forma arbitrária. Nesta perspectiva, a cobrança sobre as mulheres pela criação dos filhos não encontraria respaldo biológico.

A psicanalista Margarete Hilferding, discípula de Freud, desmistificou, em uma conferência do Círculo Psicanalítico de Viena realizada em 1911, a ideia de pureza e naturalidade do amor materno, afirmando que este é alcançado mais por fatores psicológicos do que por laços sanguíneos (KEHL, 2016).

Em *O mito do amor materno*, Elizabeth Badinter (1985) se propõe a desconstruir a ideia de que esse amor seria inato, inerente à condição de ser mulher. A autora demonstra que o desinteresse e a frieza no tratamento dispensado às crianças até o século XVIII eram vistos, de início, como uma forma de a mãe se proteger emocionalmente da provável perda de seus filhos pequenos, dada a alta mortalidade infantil da época. No entanto, percebeu-se mais tarde que a alta mortalidade infantil era causada justamente pelo desinteresse dos pais, especialmente das mães, que viam a criação dos filhos como um fardo, e logo após o nascimento já os entregavam às amas de leite.

Diante dessa constatação, segue-se uma mudança radical no papel atribuído às mães, o que guarda relação também com o avanço e a consolidação do capitalismo, já que a alta mortalidade infantil constituía um entrave para esse modelo. Passa-se, então, a reconhecer a vida emocional de um bebê e a necessidade de cuidados de que ele precisa para se desenvolver. A importância da relação mãe-filho ganha destaque e a mulher torna-se responsável pelos cuidados com a família, ficando limitada às funções maternas, ao lar e ao casamento (NUNES, 2011). Segundo Badinter:

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes “ordenam” amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho (BADINTER, 1985, p. 145).

Argumentos biológicos das mais diversas ordens foram levantados para justificar essa responsabilização e a desigual inserção social dos sexos, consolidando uma hierarquia entre homens e mulheres (NUNES, 2011). Os desejos e a sexualidade feminina eram vistos como uma ameaça. Mulheres que se rebelavam contra esta ordem vigente, se negando a se adaptar ao ideal feminino da época, começaram a apresentar sintomas histéricos, expressão de suas frustrações (NUNES, 2011).

O quadro em que se encontravam as mulheres – impossibilitadas de serem vistas como pessoas autônomas e singulares, recalçando seus desejos e submetendo-os aos dos homens, limitadas em suas capacidades intelectuais – era patologizante, como resta claro nos estudos de Freud sobre a histeria. Conforme menciona Nunes (2011), Freud via a histérica como vítima da civilização; no entanto, deu destaque à sexualidade reprimida como causa dos sintomas.

1.2 A maternidade sob a perspectiva da psicanálise

Freud pautou suas análises sobre o feminino a partir do referencial da falta, decorrente do complexo de castração. Sendo a mulher um ser faltante, a maternidade era vista como única forma possível para que ela compensasse sua falta estrutural de origem, a saída para o Édipo feminino. Na teoria freudiana, o filho ocuparia o lugar de substituto simbólico do pênis (ESTECA, 2012), destinado a preencher a falta-a-ser da mãe (MOURA, 2013), o que contribuiu para reforçar a assimilação da feminilidade à maternidade. Para Freud, os cuidados maternos apresentam ambiguidades, pois ao acariciar o filho, a mãe estaria colocando-o em uma posição de substituto do objeto sexual completo (MOURA, 2013).

Já em Lacan, vemos ampliarem-se os princípios psicanalíticos referentes às figuras de mãe e pai para além de fatores biológicos e de gênero, utilizando-se dos conceitos de função materna e paterna. Apesar disso, o uso do significante ‘materno’ permanece atribuindo uma responsabilização maior à mãe.

Pela função materna, o desejo do Outro tece para o bebê um lugar simbólico – em um processo denominado por Lacan de alienação –, que dá a ele a possibilidade de *vir-a-ser* um sujeito desejante. Na alienação, resta presente uma relação de poder desigual, onde, de um lado, encontra-se aquele que desempenha a função materna decidindo sobre tudo o que rege a vida da criança e, do outro lado, esta criança que ainda não é nem sujeito, mas objeto (MOURA, 2013).

A função materna faz-se fundamental no que concerne ao registro do imaginário da criança, situando o início de sua história no Outro. É a mãe quem fala para o bebê, interpreta suas demandas, dá sentido ao seu choro. Encontra-se a criança, assim, “a mercê do enigmático desejo e do misterioso gozo materno” (MOURA, 2013, p. 393).

Aparece aqui a analogia lacaniana entre a mãe e o crocodilo prestes a abocanhar seu filho, fazendo-se essencial o desempenho da função paterna para evitar que o bebê seja devorado (MOURA, 2013). Tal função, ao frustrar, privar e interditar, tem a dupla tarefa de

fazer com que a criança deixe de ocupar o lugar de objeto único e exclusivo que viria a preencher o desejo da mãe – podendo, então, aparecer como sujeito desejante – e de fazer com que a mãe não mais identifique a criança com esse objeto, retomando, assim, sua condição feminina e seus laços sociais (MOURA, 2013).

Outros psicanalistas também buscaram compreender a importância da função materna sobre o desenvolvimento psíquico do bebê. Melanie Klein destaca a relação do bebê com o corpo da mãe como eixo do processo de formação simbólica, no qual ocorrem as condições psíquicas para seu relacionamento inicial com o meio externo (ESTECA, 2012). A “mãe kleiniana”, por meio de seu corpo, representa, então, “o lugar onde se encenarão, para o sujeito, suas fantasias e seus desejos inconscientes e, portanto, a simbolização e a constituição do eu” (NASIO, 1995, p. 152).

Nasio destaca que, para Klein, o grande trauma na vida do indivíduo não é a visão da mãe castrada, como defende Freud, mas sim o trauma do desmame. A oposição “seio bom” e “seio mau” – termos cunhados por Klein – revela que “o sujeito depende, em sua vida animal, do seio que satisfaz, e, em sua vida humana, do seio que cria uma falta quando se faz ausente ou presente” (NASIO, 1995, p. 153).

Winnicott, por sua vez, deu maior enfoque à influência do ambiente no desenvolvimento psíquico do bebê, ampliando o campo de reflexão e de aplicação da psicanálise. Daí surge seu conceito de mãe suficientemente boa, que seria aquela capaz de garantir um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento psíquico do bebê (NASIO, 1995).

Para Winnicott, na espécie humana, é a mãe que se adapta ativamente às necessidades de seu bebê (ESTECA, 2012), e para isso ela precisa estar emocional e fisiologicamente apta a estimular o recém-nascido, o que corrobora a importância de ser dada à boa saúde psíquica da mulher.

Winnicott divide o desenvolvimento inicial do bebê em duas fases. Na fase de dependência absoluta, que vai até os seis meses de idade, o bebê depende inteiramente do mundo que lhe é oferecido pela mãe ou seu substituto. Aqui, a adaptação da mãe às necessidades do bebê ocorre por meio de três funções maternas, quais sejam: a apresentação do objeto, que se dá quando a mãe apresenta o seio ou a mamadeira no momento em que o bebê está pronto para imaginá-lo, proporcionando-lhe a capacidade de assumir relações estimulantes com objetos ou pessoas; o *holding*, relacionado à forma de sustentar o bebê tanto física como

psiquicamente; e o *handling*, que abarca as formas de manipulação do bebê enquanto ele é cuidado, necessárias para seu bem-estar físico (NASIO, 1995).

Nesta primeira fase, desenvolvem-se as principais funções do eu: “a integração no tempo e no espaço, o encontro com os objetos do mundo externo e a unificação entre a vida psíquica e o corpo” (NASIO, 1995, p. 188). Para Winnicott, a privação da presença da mãe levaria a um bloqueio ou distorção das principais funções e a uma formação incompleta do eu do bebê, causando-lhe extrema angústia, o que, para o autor, seria a essência das angústias psicóticas (NASIO, 1995).

Dos seis meses aos dois anos, a criança vive uma fase de dependência relativa, em que já percebe sua mãe como uma coisa separada, reconhece outras pessoas e objetos como fazendo parte da realidade externa e situa-se no tempo e espaço. Para Winnicott, essa fase também deve marcar uma evolução psíquica da mãe, que começa a retomar sua vida profissional e pessoal, possibilitando as falhas de adaptação que permitirão a evolução gradual da criança (NASIO, 1995).

Assim, embora as diferentes teorias psicanalíticas deem ênfase maior a um ou outro aspecto do desenvolvimento infantil, percebe-se que o princípio psicanalítico segundo o qual as primeiras relações objetais entre bebê-mãe estariam na gênese de todas as relações futuras na vida individual (GOMES & LEVY, 2009) contribui para aumentar a culpabilização das mães, vistas como as principais responsáveis por ancorar o desenvolvimento infantil e evitar que o bebê se veja precocemente imerso no desespero de seu desamparo e dependência.

Sendo o bebê o principal foco das atenções, não se percebe que a mãe vivencia seu próprio desamparo, encontrando-se também vulnerável diante da responsabilidade de suprir integralmente as necessidades daquele novo ser. Esquece-se que quem cuida também demanda cuidados. Winnicott já apontava (NASIO, 1995) para a importância de a mãe encontrar-se emocional e fisiologicamente apta a adaptar-se e estimular o recém-nascido, evidenciando, assim, a importância da boa saúde psíquica da mãe, fato muitas vezes negligenciado pelos que a cercam.

CAPÍTULO II - AMBIVALÊNCIA AFETIVA E SENTIMENTO DE CULPA MATERNA

Meus filhos me provocam o sofrimento mais intenso que já experimentei. É o sofrimento da ambivalência: a alternância infernal entre o amargo ressentimento e os nervos à flor da pele e a ternura e a satisfação prazerosa (RICH apud DONATH, 2017, p. 63)

Segundo Freud, amor e ódio estariam conjugados na origem do laço social, que se funda a partir da violência primordial presente no mito da horda primeva, a qual deu origem a duas correntes: a agressiva, expressa no ato de parricídio; e a afetuosa, decorrente do remorso filial (FREUD, 1913, apud RINALDI, 2001, p. 201). Em momento posterior, o autor abordará o conflito pulsional que permeia a sociedade, onde se defrontam pulsões de vida e pulsões de morte, sendo a ambivalência um dos destinos das pulsões.

É importante sublinhar que a noção de ambivalência se encontra presente desde os primeiros trabalhos de Freud. Já em seu Projeto de Psicologia (1895), antevia “a ambivalência fundamental que marca a gênese das relações objetais no ser humano” (LAGOAS e CHATELARD, 2018, p. 10). Pois, se é verdade que o Outro materno surge para o bebê como “primeiro objeto de satisfação” e “único poder auxiliar”, é verdade também que ele se constitui como “primeiro objeto hostil” (FREUD, 1950[1895]/ 2003, p. 207).

Nesse sentido, Lacan cunhou o neologismo “*hainamouration*, traduzível por amoródio em português, mas com a sonoridade de enamoramento em francês” (IACONELLI, 2012, p. 85), para descrever o sentimento ambivalente de amor e ódio que podemos sentir por alguém – sentimento muito presente na maternidade.

A origem desse amor, segundo Freud, estaria no narcisismo materno: “Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram” (FREUD, 1914, p. 97). O investimento no bebê representaria, portanto, uma reatualização da própria mãe, “envolta em promessas narcísicas reparatórias e provenientes de identificações narcísicas” que lhe são caras (IACONELLI, 2012, p.86). Já o ódio, segundo Winnicott, decorreria do processo de adaptação da mãe ao bebê, em que esta deve tolerar a interferência do filho em sua vida privada (TRAVASSOS-RODRIGUEZ & FERES-CARNEIRO, 2013).

Assim, a mulher se vê diante do desafio de ter que conter sua identidade anterior e adequá-la ao novo quadro trazido pela maternidade, contendo tanto as angústias do bebê como as suas próprias. Vivencia, de um lado, “uma experiência insubstituível, o amor dado e

recebido, a importância da transmissão e da continuidade da vida; do outro, as frustrações e o estresse cotidiano, o sacrifício de si, os conflitos inevitáveis e, às vezes, o sentimento de derrota com a culpa decorrente” (BADINTER, 2011, p. 208).

Na visão da psicanálise, segundo Kehl, a ambivalência amorosa em relação ao filho seria característica de toda relação humana com objetos que simbolizam o falo, pois se de um lado eles representam plenitude, por outro, nos colocam diante da falta e da imperfeição. “O falo, por sua própria condição simbólica, nunca realiza o que promete, de forma que sua presença mobiliza sempre sentimentos ambivalentes” (KEHL, 2016, p. 64).

A ambivalência é vista como parte constitutiva da maternidade, sem a qual a relação entre mãe e bebê se tornaria psicogênica. Citando Michele Benhaïm, Iaconelli fala de uma ambivalência estrutural:

A hipótese da necessidade da ambivalência materna tem importância de um ponto de vista estrutural, isto é, como algo que necessariamente estrutura o amor materno, temperado pelo ódio, para autorizar a criança a se separar daquilo que a faz viver, mas que a levaria à morte se disto não se separasse (BENHAÏM apud IACONELLI, 2012, p. 86).

Para Donath (2017), a ambivalência não se resume a um estado de sentimentos misturados, mas trata-se de uma condição psíquica complexa, na qual coexistem sentimentos polarizados – como amor e ódio, desejo de dependência e em seguida de separação, o anseio de se aproximar e ao mesmo tempo se afastar, ou momentos de harmonia e conflito – e a constatação de sua existência gera sofrimento. A autora atribui grande parte da culpa que as mães carregam à “dificuldade de lidar com o doloroso sentimento provocado pelo fato de experimentar a ambivalência maternal em uma cultura que se esquivava da existência de algo que ela mesma ajudou a criar” (DONATH, 2017, p. 64), já que esses conflitos adviriam das intermináveis expectativas idealizadas, impossíveis e contraditórias em que a sociedade encerra as mulheres.

A ambivalência desperta, como consequência, um sentimento de culpa que se manifesta de diferentes formas nas mães. Segundo Aulagnier:

É uma tautologia lembrarmos que todo objeto particularmente investido é ao mesmo tempo aquele cuja perda possível concretiza os sentimentos da angústia do sujeito. A existência deste risco será imputada ao objeto (...). Uma análise do desejo inconsciente da mãe pela criança mostrará sempre a participação de um desejo de morte e de um sentimento de culpa (AULAGNIER apud IACONELLI, 2012, p. 86).

A sociedade não vê com bons olhos a existência de ambivalências afetivas no interior da experiência da maternidade, ou seja, espera-se que a mulher ame o filho acima de tudo e o tempo inteiro, restando pouco espaço para sua individualidade, para a expressão dos conflitos vivenciados, elaboração de angústias e simbolização de traumas.

No entanto, a ambivalência materna é vista como uma característica intrínseca da experiência de ser mãe, e pode ajudar as mulheres a adquirirem ferramentas intelectuais e emocionais para compreender seu bebê e suas necessidades, na medida em que o sofrimento que ela gera pode levar as mães à reflexão. Quando a mãe reconhece que a perfeição de seu bebê e a sua própria são uma fantasia inatingível, ela poderá sentir amor, preocupação e compaixão por seus filhos, ao mesmo tempo em que sente raiva, decepção, frustração e impotência, sem se culpar por isso (DONATH, 2017).

2.1 Sentimento de culpa em Freud e Nietzsche

Nietzsche investiga a origem da culpa em sua obra *Genealogia da Moral*. Para o filósofo, este sentimento só é possível a partir do surgimento da responsabilidade, isto é, da capacidade de prometer, de infundir confiança na palavra empenhada. Da responsabilidade decorre uma relação de dívida entre devedor e credor, em que este recebe o direito de maltratar, torturar e até mesmo matar aquele que deve, diante da crença de que a justiça consiste na punição pela crueldade (FARIAS, 2013).

Com base nessa ideia das relações contratuais, Nietzsche aponta o surgimento da culpa a partir da religião. A crença em um Deus que se sacrificou por toda a humanidade, junto com o ato pecaminoso do primeiro homem, criaram uma dívida perante este Deus. Dívida esta que o ser humano nunca será capaz de saldar, transformando sua vida em um eterno sacrifício.

Assim, a vida humana somente se torna virtuosa e responsável diante da ideia de que a terra é um lugar de martírio, sacrifício, em razão da transgressão cometida pelos primeiros ancestrais humanos. Esse enraizamento da consciência de abnegação, de inferioridade, teria inculcado no homem a certeza de sua completa indignidade perante Deus e uma culpa que se transformou em obrigação sagrada e suprema, intrínseca a qualquer ser humano (FARIAS, 2013, p.128).

Na visão da psicanálise, o sentimento de culpa está fundamentado na moral e na ética, encontrando sua origem no surgimento do supereu e no desenvolvimento da civilização. A

culpa é vista como um sentimento universal que possibilita a vida em comunidade, mas também causadora de neuroses nos indivíduos (GELLIS & HAMUD, 2011).

Conforme teorizado por Freud em *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1929, apud GELLIS & HAMUD, 2011), os impulsos agressivos e hostis dos indivíduos sempre procuram um meio para se expressar. No entanto, a civilização consegue dominar e enfraquecer esses impulsos ao estabelecer no interior de cada sujeito um agente para conter o desejo de agressão. Tal função seria desempenhada pelo supereu, que, ao vigiar e condenar, termina por intensificar os sentimentos de culpa do sujeito. Assim, essa intensificação do sentimento de culpa, aliada à renúncia do desejo de agressão, seria fundamental para o desenvolvimento da civilização (GELLIS & HAMUD, 2011).

Freud também aborda o sentimento de culpa em *Totem e Tabu* (GELLIS & HAMUD, 2011). A partir de estudos realizados sobre os aborígenes da Austrália – entre os quais o tabu do incesto é punido de maneira brutal pelo clã, por se acreditar que a ausência de punição do transgressor castigaria todo seu povo –, Freud levanta a suspeita da existência de uma culpa coletiva. Para isso, recorre ao mito da Horda Primeva, segundo o qual, após os filhos terem se unido para assassinar o Pai Primevo, ao invés da satisfação e liberdade esperadas, passaram a conviver com remorso e temor da punição. Para amenizar seu sentimento de culpa, adotaram um totem para ser venerado como substituto sagrado do pai, a fim de apaziguar seu furor e provocar uma espécie de reconciliação (GELLIS & HAMUD, 2011).

A questão da culpa é retomada por Freud no texto “Sobre o Narcisismo – uma Introdução”, ao tratar do *ideal do eu* e sua instância resultante: o supereu. Segundo o psicanalista: “A falta de satisfação que brota da não realização de um ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social)” (FREUD apud GELLIS & HAMUD, 2011). Explica que, se no crime primevo a autoridade vinha do pai, com o surgimento do supereu e a internalização das normas, a cobrança passou a ser interna. Assim, a culpa é compreendida “como sendo a forma pela qual o Eu percebe a crítica do Supereu. É, pois, um sentimento de indignidade. Há um ideal do eu que ‘critica’ o Eu, e este se sente indigno do ideal” (GELLIS & HAMUD, 2011, p. 642).

Dessa maneira, Freud discorre sobre as exigências às quais o sujeito se submete para frear seus impulsos: inicialmente, pela autoridade do pai primevo; em seguida, no Complexo de Édipo, obedecendo à lei paterna da interdição; até a internalização da moral no supereu, se enquadrando, finalmente, aos padrões sociais, “sempre em razão da culpa intrínseca à qual não é capaz de escapar. A culpa se delinea, então, não mais como um sentimento difuso, e sim um

sentimento onipresente e universal: uma infelicidade interior contínua” (GELLIS & HAMUD, 2011, p. 643).

2.2 Sentimento de culpa materno

No que diz respeito especificamente ao sentimento de culpa materno, Moura (2013) explica que a mãe guarda desde a gestação uma relação estreita com poder e culpa – o poder de ser capaz de gerar um corpo dentro do seu e de ser responsável por possibilitar-lhe uma vida psíquica, subjetiva, o que vem acompanhado de uma cobrança muito grande, que gera culpa. Este sentimento de culpa parece estar ligado, também, a um alto nível de exigência e autocrítica das próprias mães, que parecem nunca se sentirem suficientes no exercício deste papel.

Diante de tantas expectativas, as mães passaram a cobrar mais de si mesmas, “enquanto penetram cada vez mais fundo em um mundo de sentimentos sombrios, culpa, autoanálise e todos os matizes de ambivalências” (DONATH, 2017, p. 61). Estudos apontam, ainda, outros sentimentos que emergem nas mulheres nesse processo: angústia e insatisfação, geradas pela crença de ser a única capaz de cuidar do filho; medo de ser insuficiente ao bebê, gerado pela supervalorização da carreira e a consequente terceirização dos cuidados com a criança (BELTRAME & DONELLI, 2012).

Além dos sentimentos ambivalentes, diversos são os fatores que contribuem para esse estado, como: a sobrecarga de tarefas, que gera estafa e ressentimento; as dificuldades que surgem na tentativa de aliar vida profissional e maternidade; a cobrança social quanto à educação das crianças, que recai com peso maior sobre as mães; entre outros, que serão explorados a seguir.

“Primeiro a criança” – sobrecarga materna

Segundo Badinter, os movimentos feministas dos anos 70 foram marcados por um “grito reivindicador das mulheres de ‘Primeiro eu!’, em que se dessacralizava a maternidade, dando vida aos desejos femininos e buscando retirar sua culpa” (BADINTER, 2011, p. 133). No entanto, as filhas dessa geração transformaram esse grito em “Primeiro a criança”, apoiadas na ideia de que, a partir do momento em que a maternidade passou a ser fruto de uma escolha livremente consentida, surge a obrigação da mãe em organizar sua vida em torno do filho,

assumindo uma lista infindável de tarefas e deixando seus desejos de lado (BADINTER, 2011, p. 132).

Para a autora, as mães que lutaram pela independência das mulheres foram criticadas por suas filhas, ressentidas de não terem sido prioridade e dispostas a não repetir isso com seus bebês (BADINTER, 2011). Ao assumir essa postura, sobrecarregaram-se ainda mais.

As responsabilidades maternas começam na concepção da criança. Desde então, as mães são desaconselhadas a beber, fumar, orientadas a seguir uma rigorosa dieta alimentar, atividades físicas e tantos cuidados outros, o que ressoa, segundo Badinter (2011), como “a morte dos prazeres, da liberdade e da despreocupação próprios de quem não é mãe”. Afinal, atribui-se à mãe o dever de gerar um bebê psíquica e fisicamente saudável.

Nessa preparação, Iaconelli aponta que os casais ou mães-solo, em busca de garantias na criação de seus filhos, realizam “verdadeira peregrinação a obstetras, pediatras, nutricionistas, pedagogos, psicólogos, técnicos em amamentação e fisioterapeutas, numa via sacra de dar inveja a qualquer cristão” (IACONELLI, 2020, p. 27). São alvejados com inúmeras recomendações, orientações, listas de objetos indispensáveis que rapidamente tornam-se obsoletos e devem ser substituídos por outros, tecnologias ultramodernas de exames, cursos, atividades extras etc., que só aumentam à medida que seus filhos vão crescendo. Uma lista inesgotável de exigências que muitos não conseguem acompanhar, gerando culpa e acusações infindáveis.

O que se perde quando se ganha um bebê

A partir do momento em que uma mulher se torna mãe, ela precisa se adaptar a uma nova realidade. Mudanças em seu corpo, em sua rotina, relacionamentos, atividades, pensamentos e preocupações evidenciam que ela agora é responsável também pela vida de outra pessoa.

Na gestação, é inevitável que se construam fantasias sobre o bebê que virá, imaginando como ele será fisicamente, se será parecido com mãe ou pai, projetando nele diversas expectativas. No entanto, o bebê “sujeito”, aquele que efetivamente nasce, é sempre diferente daquele idealizado, desbancando o narcisismo de seus pais ao se recusar a ser o “mini mim” esperado (IACONELLI, 2020, p.20).

Cabe destacar ainda que, conforme Soler, a gestação desvela algo de um real incomensurável, impossível de simbolizar (SOLER apud MOURA, 2013). Segundo Benhaim, enquanto a gravidez pode ser vivida como expressão máxima de completude da mulher, o parto provoca “uma dupla perda – de um estado de encantamento (gerado pelo imaginário sobrepujado ao real) e do objeto” (BENHAIM apud MOURA, 2013, p. 397), visto que o bebê que nasce não é o mesmo do ventre. Essa perda pode ser traumática para algumas mulheres, dificultando o estabelecimento de laços com o bebê recém-chegado.

Neste ponto, Iaconelli destaca a importância de se fazer o luto do bebê imaginário como algo absolutamente necessário para que se abra espaço para conhecer e amar o bebê que chegou: “É natural ficar um pouco triste depois que ele chega, afinal, cai uma ficha do tamanho do mundo” (IACONELLI, 2020, p. 40).

Ao contrário do que defende o senso comum, o amor materno não é instantâneo. A mãe precisa se adaptar ao bebê real e à sua nova condição de ser no mundo. Isso por vezes demanda tempo e gera nas mães sentimentos contraditórios. Conforme Kehl:

O imperativo superegoico de amar os filhos sobre todas as coisas, que recai sobre as mulheres, tem forte participação entre as causas que produzem o ódio materno. O ódio contra o bebê que parece incapaz de despertar tanto amor quanto deveria é o correspondente, projetado sobre o objeto, do ódio do superego contra o sujeito – a mãe – que não consegue experimentar pela criança recém-chegada o ideal de amor que lhe é exigido (KEHL, 2016, p. 65).

A capacidade da mãe de suportar a frustração de seu desejo pelo bebê sonhado, reconhecendo esse “estranho” que o substitui, é fundamental para que mais à frente o bebê possa vir a desejar em nome próprio – o que ocorrerá na medida em que o investimento narcísico materno sobre o bebê vá dando lugar ao investimento objetal, em que o filho passa a ser visto como separado dela (IACONELLI, 2012).

Compreendido o luto do bebê imaginário, a mãe passa a ter que lidar com as ambivalências de uma nova vida em que ela se percebe entre necessidades e desejos próprios e os cuidados com o filho que chega.

Além dos exaustivos cuidados que um bebê demanda em seus primeiros dias, Iaconelli (2020) cita, ainda, as preocupações das mães relacionadas aos seus próprios corpos, chamando a atenção para a crescente presença nas clínicas psicanalíticas e psiquiátricas de distúrbios decorrentes de exigências para que as mulheres retornem rapidamente à sua forma física anterior à gestação. A isso, a autora atribui a supervalorização da imagem corporal em nossa sociedade.

Assim, já submetidas à falta de sono, ao cansaço com os cuidados do bebê, impossibilitadas de realizar as atividades físicas habituais, a exigência por estar em forma e o medo de não serem mais desejadas contribuem para aumentar o sofrimento dessas mulheres.

A batalha do leite e La Leche League

Nos primeiros minutos de vida do bebê, a mulher já se vê diante de uma das questões mais associadas à categoria de boa mãe: a amamentação. Aparentemente um gesto comum, o ato de amamentar exprime uma filosofia da maternidade que condiciona a situação da mulher e seu papel na sociedade (BADINTER, 2011).

Atualmente, as diretrizes da OMS recomendam o aleitamento materno até os 2 anos ou mais e exclusivo até os primeiros seis meses de vida. No entanto, por maiores que sejam as evidências dos benefícios dessa prática, desconsiderar as dificuldades que ela impõe contribui para gerar culpa nas mães que, por diferentes motivos, não alcançam êxito nesta tarefa. Conforme aponta Badinter:

Diante deste ideal, o que dizer das mães que por questões fisiológicas ou psicológicas não conseguem amamentar, das que precisam trabalhar, ou, ainda, das que não concordam em ficar reféns da livre demanda do bebê e preferem fazer uso da mamadeira - sinônimo de egoísmo materno? Oculta-se a ambivalência materna e menosprezam-se as dificuldades individuais para instaurar uma ditadura do aleitamento (BADINTER, 2011).

Campanhas publicitárias a favor da amamentação mostram sempre mulheres sorridentes e felizes com seus filhos ao seio, nunca mencionando os desconfortos e incômodos que acompanham esse processo – como a dificuldade da descida do leite, o cansaço, as dores, mastites ou mesmo a própria insuficiência do leite. Conforme Zanello, a mensagem é sempre a mesma: “uma verdadeira ‘mulher-mãe’ não sente ambivalência e se compraz em amamentar a sua cria” (ZANELLO, 2011, p. 139).

Aqui merece ser mencionada a influência de *La Leche League* (LLL), instituição americana criada em 1956, que começou com um pequeno grupo de 7 mães dispostas a ajudar outras que gostariam de amamentar e não se sentiam capazes. Rapidamente, sua comunidade se multiplicou, alcançando notável desenvolvimento internacional. Segundo Badinter, o sucesso da Liga se deve a “uma improvável reviravolta ideológica e uma habilidade política digna de admiração” (BADINTER, 2011, p. 88), apoiando-se no princípio de que a boa mãe

naturalmente coloca as demandas do filho acima de tudo e que essas necessidades são estabelecidas pela natureza.

A reviravolta ideológica citada teria se dado a partir da defesa de que a melhor solução para mãe e filho seria a volta da mulher ao lar. Apoiada nessa ideia, a Liga iniciou um trabalho de revalorização da maternidade tal qual ocorria no passado, defendendo o aleitamento como fator fundamental na boa relação entre pais e filhos, reforçador dos laços familiares e da coesão social.

Inicialmente, suas integrantes declararam guerra contra mamadeiras, leites em pó, creches e o trabalho das mães, embora tenham precisado abrandar suas opiniões quanto ao trabalho fora do lar. Com o tempo, a LLL conquistou nomes de peso na defesa de sua causa, como a *American Academy of Pediatrics*, a Unicef e a ONU (BADINTER, 2011).

De sua filosofia, chega-se à conclusão de que a única mãe boa é aquela que amamenta, contribuindo para gerar culpa naquelas que não se reconhecem nesse papel e impactando, inclusive, o bem-estar psíquico do bebê. Conforme Marie Dominique Amy: “Impor o seio a algumas mães que não o desejam chega ao absurdo, pode colaborar para o início de um relacionamento desequilibrado ou mesmo ansiogênico entre mãe e bebê” (AMY apud BADINTER, 2011, p. 119).

Diante da atuação da *La Leche League*, o aleitamento passou a ser visto como um dever, e não mais como escolha, direito e prazer maternos, constringendo e silenciando as mães que não se reconhecem nesta tarefa:

Poucas mães têm coragem de denunciar o fim de sua liberdade e o bebê déspota e guloso que as devora, ou de admitir terem se transformado em um ecossistema leiteiro e de terem perdido a condição de sujeito dotado de desejos e vontades (WALL apud BADINTER, 2011, p.119).

De fato, essa dedicação exclusiva gera sofrimento, como se depreende da fala de uma das integrantes da LLL, citada por Éliette Abécassis:

Minha experiência... Desde que tenho um bebê, não tenho mais vida conjugal, não durmo mais, não lavo mais os cabelos, não leio mais, não vejo mais meus amigos. Está certo, eu me tornei mãe. Mas eu não sabia que uma mãe era somente uma mãe. Eu ignorava que seria preciso abdicar de todos os outros papéis, que seria preciso renunciar à sexualidade, à sedução, ao trabalho, ao esporte, ao corpo, ao espírito. Eu ignorava que seria preciso renunciar à vida (...).

Todos os olhares convergiram para mim como se eu fosse uma assassina, ou pior, uma mãe indigna (BADINTER, 2011, p. 131).

Não obstante a importância nutricional do aleitamento materno, o repúdio ao uso de mamadeiras e suplementos, exigindo a disponibilidade absoluta da mãe às necessidades da criança até os 2 anos de idade, representou um retrocesso na retomada da vida profissional de muitas mulheres (BADINTER, 2011).

Maternidade e carreira

Outro fator de grande impacto na saúde mental feminina diz respeito às dificuldades para se conciliar vida profissional e maternidade dentro de um quadro de desigualdade de gêneros, pressão social, crescente competitividade, falta de infraestrutura e de políticas organizacionais de amparo e apoio à maternidade.

O mercado de trabalho talvez seja um dos campos em que as desigualdades de gênero se tornam mais contundentes. Mulheres, principalmente as que possuem filhos, normalmente encontram maiores dificuldades de empregabilidade do que homens. Mannoni sintetiza bem essa questão ao afirmar: “Para um grande executivo, ter filhos dá prestígio. Para uma mulher, ao contrário, é melhor não falar no assunto” (MANNONI, 1999, p. 97).

No caso das mulheres, muitas vezes levadas a escolher entre ter filhos e uma carreira profissional, ou lutando para compatibilizar a maternidade e as oportunidades de trabalho sem o apoio da sociedade (DONATH, 2017), o desafio da reapropriação de seus desejos e intervenção na organização é maior. A responsabilidade pela criação de um filho traz, também, o medo de não se dispor dos recursos necessários, do desemprego, de se lançar ao novo, fazendo com que algumas mães optem por estabilidade financeira em detrimento de uma realização profissional que lhes dê prazer.

Estudos apontam diversos sentimentos que emergem nas mulheres nesse processo: ansiedade e insatisfação, geradas pela crença da mãe como única capaz de cuidar do filho; medo de ser insuficiente ao bebê, gerado pela supervalorização da carreira e conseqüente terceirização dos cuidados com a criança (BELTRAME & DONELLI, 2012).

Beltrame & Donelli (2012) citam como fator potencializador do sofrimento feminino o adiamento da maternidade devido à inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente nos casos em que se prioriza a carreira profissional. Com isso, ocorre um encontro entre a idade de dedicação à carreira e a de ser mãe, “e essas duas tarefas exigem extrema entrega” (BELTRAME & DONELLI, 2012).

Percebe-se que todas as direções abertas para as mulheres possibilitam a emergência do sentimento de culpa (NUNES, 2011): tanto para aquelas que encontram dificuldades em conciliar as exigências da dupla ou tripla jornada, que se sentem culpadas por achar que estão falhando na educação dos filhos ou por terem anseios de realização também fora do ambiente doméstico; quanto por aquelas que optam por se dedicar exclusivamente à vida profissional, e são assim cobradas pela sociedade pela escolha de não ter filhos; e ainda pelas que optam pela dedicação ao lar e são cobradas pela falta de interesse profissional.

Desse quadro, surgem angústias e sofrimentos ligados à questão da maternidade, cujos sintomas, conforme Nunes (2011), parecem denunciar o mal-estar e os impasses com as quais as mulheres se confrontam na atualidade, sejam elas mães ou não.

Impasses que podem ser observados em pesquisas como a de DeMeis e Hock (1986) sobre os fatores psicológicos que mediam a relação entre trabalho, maternidade e saúde mental 12 meses após o nascimento do bebê. Os autores constataram que as mães que preferiam trabalhar, mas ficaram em casa, apresentaram índices mais altos de sintomas depressivos (BELTRAME & DONELLI, 2012). Esse fato vem reforçar o papel emancipatório do trabalho na vida da mulher.

Sobrecarga materna na atual sociedade do desempenho

O acúmulo de tarefas e a falta de tempo para realizar atividades pessoais é uma queixa recorrente entre mães, sobretudo diante da sociedade de desempenho atual denunciada por Byung-Chul Han, em que os sofrimentos psíquicos mais recentes, como Síndrome de *Burnout*, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, e Depressões, apresentam relação direta com o modo operatório do capitalismo (HAN, 2017). Em seu livro *Sociedade do Cansaço*, Han demonstra o aspecto negativo da valorização de indivíduos inquietos e hiperativos que realizam múltiplas tarefas no cotidiano produtivo (CORBANEZI, 2018).

Han (2017, p. 86) aponta que o “sujeito narcísico de desempenho” se força a produzir cada vez mais, num sentimento constante de culpa que o leva a buscar superar a si mesmo até sucumbir. Esse sujeito, preocupado apenas com realização e eficiência, não vê como prioridade procurar a origem do seu conflito psíquico, sendo mais interessante a ele o rápido caminho da medicação psiquiátrica para o restabelecimento e aperfeiçoamento de suas potencialidades (CORBANEZI, 2018).

No caso de mulheres mães, suas atividades dividem-se entre cuidados com o filho, casa, trabalho e vida pessoal, provocando uma sobrecarga que leva a uma sensação de injustiça e de ressentimento. Além disso, Mannoni alerta para prejuízos que essa prática pode causar também aos filhos, pois, caso a mãe se encontre inteiramente “encerrada na escravidão do dever, a transição da criança da dependência para a independência – espaço onde nasce seu desejo -, pode ser prejudicada” (MANNONI, 1999, p. 25).

Iaconelli denuncia a crescente incidência na clínica psicanalítica de mulheres que sofrem por se sentirem incapazes de dar conta de tantas tarefas:

Seja sobre o divã, seja nas consultas psicanalíticas da rede pública, mulheres de diferentes níveis sociais se sentem deprimidas, angustiadas, fóbicas, surtadas, doentes, enfim, sofrem na tentativa de responder a uma demanda imperiosa e inexequível. Ao invés de reconhecerem que se trata de uma missão impossível e de ideais que devem ser revistos, elas se criticam duramente por não conseguirem cumprir o esperado. O ideal de heroína, ao invés de ser questionado e rejeitado, acaba por levá-las ao colapso (IACONELLI, 2020, p.77).

Outro ponto que merece destaque é que, mesmo entre os casais que se propõem a dividir igualmente as tarefas, a ‘carga mental’ termina por ficar ao encargo das mães: médicos, roupas, lição de casa, atividades extras, presentes dos coleguinhas, festas, passeios, lanches da escola, alimentação, dentistas, vacinação, e mais um sem-número de tarefas que não costumam ser lembradas na hora da divisão. O aumento da sobrecarga aumenta o sofrimento.

A psicanalista Maria Homem, em vídeo disponível no seu canal do YouTube (HOMEM, 2019), analisa de que forma o ‘trabalho emocional’ – termo cunhado pela socióloga Arlie Hoschchild nos anos 80 – se manifesta na vida doméstica e impacta a sobrecarga das mulheres. Maria Homem explica que Hoschchild começou sua análise pelo ambiente profissional. Comparando o trabalho de homens e mulheres que desempenhavam o mesmo cargo em diferentes empresas, a socióloga notou que as mulheres sempre são incumbidas de um número grande de atividades extras que não estão escritas em lugar algum, não são remuneradas e demandam muita energia subjetiva, fazendo com que sua mente esteja ocupada o tempo todo – tarefas que, no ambiente de trabalho, implicam em gestão de pessoas, de objetos, limpeza, gestão de crises...

Maria Homem (2019) destaca que o cuidado com a casa e com os filhos é onde o trabalho emocional mais se revela, pois essas tarefas extras, consciente ou inconscientemente, tornam-se responsabilidade das mulheres – o homem é aquele que ‘ajuda’. A psicanalista alerta para o perigo desta ideia, pois a pessoa que ajuda sempre faz muito menos, já que o responsável

é o outro. Assim, não existe de fato um trabalho corresponsável, e a sobrecarga termina por pesar sobre o lado feminino.

Como evidências desta carga invisível, a psicanalista discorre:

Quem é que faz o gerenciamento, o fluxo das mercadorias da casa? Quem é que vai chamar os técnicos, saber o que quebrou e ter os telefones? Quem tem a agenda dos fornecedores? Quem está operando tudo isso? Quem está tratando da circulação não só dos objetos, mas também dos afetos? Quem é que sabe se o filho foi bem ou mal em tal prova, tem mais dificuldade em polinômios ou geografia, ou não consegue escrever bem a letra p ou a letra q? (...) Se a mãe dialoga com o filho, se ela leva e busca na escola e conversa nesse trajeto, ou se tem um mínimo de diálogo, ela sabe escutar o outro. Esse trabalho de escuta recai sobretudo sobre uma parte da relação – normalmente as mães, normalmente as mulheres (HOMEM, 2019).

Além disso, há uma idealização de que mães são seres abnegados por natureza, pacientes e devotadas principalmente ao cuidado terno e afetuoso com o outro, livres de conflitos interpessoais, desconsiderando-se que elas têm subjetividades e necessidades próprias (DONATH, 2017). E na ânsia de serem consideradas boas mães, muitas mulheres internalizam essa ideia, escamoteando seus desejos, o que pode contribuir para o surgimento de diferentes sintomas.

Redes de apoio: quem cuida da mãe quando ela cuida de todo mundo?

Dentre os fatores que influenciam o bem-estar da mãe está a disponibilidade de apoio social por parte daqueles que a rodeiam, o que facilita uma maternagem responsiva. Tal fator ajuda a promover o desenvolvimento de um apego seguro bebê-mãe e, ao possibilitar o contato da criança com outras pessoas, contribui para o seu processo de socialização (CARDOSO, 2017).

A primeira função da matriz de apoio seria proteger a mãe das exigências externas, provendo suas necessidades vitais e deixando-a livre para dedicar-se aos cuidados com o recém-nascido. A segunda função tem fundo psicológico – implica cuidar para que a mãe se sinta apoiada, acompanhada, valorizada. Além disso, a rede de apoio também possui uma função educativa, a partir da qual a mãe pode sentir-se instruída e ajudada (CARDOSO, 2017).

Conforme Rapoport e Piccinini (CARDOSO, 2017), uma rede de apoio social é composta por sistemas e pessoas significativas que proporcionam apoio e reforço às estratégias de enfrentamento do indivíduo diante das situações de vida, podendo incluir familiares, amigos,

colegas de trabalho, relações comunitárias, serviços de saúde, de credo religioso ou político, incluindo relações íntimas ou ocasionais.

Para Badinter, quanto mais a mulher se sentir apoiada e puder compartilhar o peso de suas responsabilidades maternas, mais ela se disporá a renovar a experiência da maternidade. Do contrário, “exigir da mãe que ela sacrifique a mulher que existe nela só pode retardar ainda mais a hora da primeira maternidade e até mesmo desencorajá-la” (BADINTER, 2011, p. 206).

O caso das mães francesas

Enquanto a União Europeia como um todo vê uma queda brusca em sua taxa de natalidade, a França hoje é o país com maior número de filhos por mulher no continente (BADINTER, 2011) – com 1,92 nascimentos por mulher, segundo dados de 2017 do Banco Mundial, enquanto a média europeia é de 1,59. Relatório do Instituto de Análises Demográficas francês aponta o país como “uma exceção demográfica às baixas taxas vistas em grande parte da Europa” (COMO, 2021).

O que chama a atenção neste fato é que as mães francesas em geral são mal vistas por outras sociedades, e por diversas razões: não são entusiastas da amamentação; desde cedo promovem a separação de seus bebês, colocando seus filhos em creches ou com babás; não se afastam do trabalho por muito tempo.

Badinter (2011) atribui esse fenômeno ao fato de a sociedade francesa apresentar um espírito coletivo mais liberal e desculpabilizante no que diz respeito às cobranças maternas sobre as mulheres. Segundo a autora, sem o peso da culpa, as francesas se sentem mais encorajadas a encarar os desafios da maternidade:

Quanto mais se alivia o peso das responsabilidades maternas, mais se respeita a escolha da mãe e da mulher, e mais esta se dispõe a tentar a experiência, ou mesmo a renová-la. (BADINTER, 2011, p. 206)

No século XVIII, era hábito comum na sociedade francesa, entre diferentes classes sociais, a entrega dos bebês recém-nascidos às amas de leite. Nos séculos XX e XXI, diante da constatação da importância da relação mãe-filho para o bem-estar emocional do bebê, tornando a mulher a maior responsável pelos cuidados com a família, a prática evoluiu para a legitimidade quanto ao uso da mamadeira e a guarda das crianças logo após o nascimento, medidas que garantem maior autonomia às mães. Badinter informa que a creche e a escola

maternal para crianças de 2 anos e meio a 3 anos são uma invenção francesa, comprovando o assentimento social daquele país ao modelo materno em tempo parcial (BADINTER, 2011).

Segundo a autora, as mães francesas não se deparam com críticas sobre sua forma de maternagem, nem recebem pressões morais ou sociais para que sejam mães em tempo integral, sentindo-se livres para escolher o modelo de vida que melhor atenda aos seus interesses e aos da criança. Somado a isso, cita o fato de que a sociedade francesa admite há muito tempo que a mãe não é a única responsável pela criança: “Na falta dos pais, sempre advertidos para dividirem igualmente as tarefas parentais e domésticas, o Estado é considerado corresponsável pelo bem-estar e pela educação do recém-chegado” (BADINTER, 2011, p. 205).

Mannoni destaca a relevância de as mulheres terem interesses pessoais além da maternagem, inclusive para o bem-estar dos filhos:

O que é importante para a criança é que sua mãe tenha um desejo fora dela, criança; é que sua mãe tenha uma razão de viver fora do lar. Essa conquista do feminismo não tem preço, tanto para o bem-estar do filho (que amará ainda mais sua mãe, por ela não viver a sua vida através dele), quanto para o equilíbrio da mãe, cujo universo não deveria ser limitado unicamente à família nuclear (MANNONI, 1999, p. 104).

Assim, constata-se que quando a maternagem é vista como um dos desejos – e não o único -, da mulher que opta por ser mãe, livre de um discurso desculpabilizante e pressões excessivas, contando com uma rede de apoio que entende que a criação da criança é uma tarefa de responsabilidade social, mais mulheres se dispõem a encarar a maternidade e mais sadia esta se torna.

O desafio da educação

Iaconelli denuncia a fantasia de onipresença e onisciência que assola os pais, e que estaria por trás da fantasia de onipotência. O excesso de proteção, ao se buscar evitar os riscos inerentes à vida, impede que os filhos tenham experiências enriquecedoras. Segundo a autora, “a culpa estratosférica que os pais/mães têm carregado por tudo que acontece com os filhos é, paradoxalmente, um dos grandes males da criação deles” (IACONELLI, 2020, p.32).

A autora levanta alguns fatores que têm levado a novos desafios na criação de filhos no século atual. Entre eles, a atual conjuntura de consumo, que exige dos pais maior carga de trabalho para oferecer o máximo aos filhos, ao custo de ficarem cada vez mais ausentes deles (IACONELLI, 2020). Outro ponto destacado é a cultura da imagem, em que milhares de postagens em redes sociais dão a falsa impressão de que todas as outras famílias são felizes e

perfeitas, escondendo o que está por trás das lentes. Isso contribui para aumentar a culpa materna e os quadros depressivos já bastante expressivos nos dias de hoje.

O culto ao individualismo e à realização pessoal, presente na sociedade atual, também é citado pela autora como complicador para o exercício das tarefas parentais, que exigem tanta dedicação ao outro. Por fim, cita também o superinvestimento narcísico, na medida em que os pais esperam amor e reconhecimento dos filhos em troca de sua dedicação, mas não é bem assim que acontece: “Não se pode contar com um grande Ibope quando se tem que fazer o trabalhinho sujo de educar” (IACONELLI, 2021, p. 24).

Vida amorosa e maternidade

Iaconelli (2020) denuncia que a dificuldade de se conciliar vida amorosa e parentalidade tem aumentado em nossa época. Ela atribui essa dificuldade às inconsistências atuais quanto aos papéis que cabem a cada um em casa. A tentativa de colocar fim na distribuição de tarefas em razão de gênero, acabando com a exclusividade de obrigações femininas ou masculinas, permite que as divisões ocorram de acordo com as especificidades de cada família. No entanto, a dificuldade para redistribuir essas atividades muitas vezes tem levado a disputas, discussões, desinteresse mútuo e separações.

A autora destaca os benefícios de se promover uma divisão de tarefas igualitária, respeitosa e satisfatória para o casal, o que fortaleceria as relações familiares e ensinaria aos filhos o tipo de relação que estará em voga no futuro. Segundo Iaconelli, isso já ocorre em países mais desenvolvidos, como Noruega e Austrália (IACONELLI, 2020).

Outra dimensão que sofre abalos na maternidade é a sexualidade do casal, sobretudo da mulher, que, com a chegada do bebê sofre uma revolução no seu corpo – tanto fisiológica como psicológica. Como informa Badinter, há “inúmeras jovens mães que confessam ingenuamente que o casal que elas formam com o filhinho lhes basta, que elas não têm nenhuma vontade de retomar a vida sexual” (BADINTER, 2011, p. 130), alertando para o fato de que colocar a criança sempre em primeiro lugar faz com que a fragilidade do casal e a importância da sexualidade que o sustenta sejam silenciadas.

Mães arrependidas

Em seu livro *Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade* (2017), Orna Donath discorre sobre os dilemas de mulheres que se arrependeram de ser mães, angustiadas por se verem obrigadas à maternidade, ou por serem as principais responsáveis pela criação dos filhos. Mães que, diante de uma realidade de tensões e ambivalências - capaz de gerar impotência, frustração, culpa, vergonha, raiva, hostilidade e decepção -, vendo reduzidas suas possibilidades de movimento e de independência, se arrependeram de suas escolhas.

A autora diferencia arrependimento de ambivalência, afirmando que confundir os dois conceitos impede que se ouça o que as mães que lamentam ter dado à luz têm a dizer, e deixa claro que as entrevistadas não se arrependem de seus filhos, mas sim das cobranças e limitações que a maternidade trouxe para suas vidas.

Donath busca, assim, dar visibilidade a sentimentos que ficavam silenciados devido ao desejo dessas mulheres de evitar julgamentos e críticas da sociedade, denunciando a incapacidade de se tratar a maternidade como apenas mais uma das relações humanas, e não como algo sagrado - objeto de estigmatização e considerada tabu. Alerta, ainda, que a faculdade de decidir livremente sobre ser ou não mãe, que aparentemente estaria fundada nos princípios de autonomia, democracia e responsabilidade pessoal, é ilusória, pois “ignora de maneira ingênua a desigualdade, as coações, as ideologias, o controle social e as relações de poder” (DONATH, 2017, p. 30).

Ao questionar se as mulheres são realmente livres nas suas escolhas, a autora chama a atenção para o fato de o discurso social ainda condenar as mulheres que não desejam engravidar, dar à luz ou criar filhos, geralmente vistas como egoístas, infantis, transtornadas, perigosas e de sanidade duvidosa; fadadas a uma “vida vazia e atormentada, carregada de arrependimento e tristeza, solitária e entediante devido à falta de significado e substância” (DONATH, 2017, p. 30).

Isso leva muitas mulheres a adotarem a maternidade como um caminho natural em suas vidas, sem ao menos se questionar sobre seu real desejo de serem mães. Citando Meyers, Donath acusa a doutrinação social que permeia a maternidade:

A filósofa feminista americana Diana Tietjens Meyers se refere a esse fenômeno como um estado por meio do qual a imaginação é colonizada – um estado no qual a doutrinação social que contempla a maternidade como o único roteiro concebível é assimilada pela consciência das mulheres a ponto de sufocar outras opções possíveis (DONATH, 2017, p. 33).

Em sua pesquisa, a autora identificou diversas mulheres que engravidaram deixando-se apenas levar por este roteiro da maternidade como caminho natural; outras que se tornaram mães devido a pressões explícitas ou internalizadas; além de uma série de motivos ocultos que levaram algumas à maternidade sem o desejo real de serem mães (como melhoria de vida, aceitação social, sensação de dever cumprido, medo da solidão, desejo de paz e tranquilidade).

A autora questiona até que ponto o desejo das mulheres pela maternidade é autêntico diante de tantas prescrições sociais que lhes são apresentadas. Será que a maternidade realmente envolve uma livre escolha?

MÉTODO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se como método a análise de discurso, em que a fala dos participantes é vista como o lugar de manifestação do sujeito da enunciação, onde este coloca seu ponto de vista a partir de uma série de escolhas que faz – de pessoa, espaço, tempo, figuras -, que devem ser relacionadas com o seu contexto sócio-histórico. Dessa forma, nota-se que o discurso só pode ser interpretado a partir de uma análise conjunta de seus elementos linguísticos e históricos (GREGOLIN, 1995).

Fundada por Michel Pêcheux na década de 60, a Escola Francesa de Análise do Discurso se fundamentou na relação de três domínios disciplinares: a linguística, o marxismo e a psicanálise (ORLANDI apud BATISTA-SOARES, 2016), inaugurando uma teoria materialista do discurso.

A análise de discurso busca compreender como se constrói o sentido de um texto e como este se articula com a história e com a sociedade que o produziu. Embora tenha ganhado destaque a partir dos anos 70, suas fronteiras de ação ainda não estão claramente delimitadas (GREGOLIN, 1995).

Nesta análise, foram utilizados como base os referenciais da psicanálise, entremeando questões do sujeito, sua história e ideologias. Para Cohen, três são os eixos que pautam a relação dialética entre linguagem e psicanálise: o eixo discursivo, em termos de materialidade histórica; o linguístico stricto sensu e o universalista, que aparece nas formações discursivas (COHEN apud BATISTA-SOARES, 2016).

O conceito de Formação Discursiva, introduzido por Pêcheux, é definido por Orlandi (ORLANDI apud BATISTA-SOARES, 2016) como aquilo que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada conjuntura sóciohistórica, e que no interior de um interdiscurso limita os dizeres dos indivíduos. Batista-Soares (2016) defende que o interdiscurso mobiliza o que é inconsciente, o que é universal e o que é particular.

Pêcheux introduz também o conceito de Sujeito em sentido lato, “não gramatical”, que, diante das interpelações de ideologias ou de um interdiscurso expresso em uma formação discursiva, pode se rebelar produzindo um contradiscurso ou “assujeitar-se” consensualmente (BATISTA-SOARES, 2016). Para Cohen, ao relacionar este sujeito com o Outro de Lacan, Pêcheux contribuiu para a aproximação da análise do discurso com a psicanálise, buscando ligar o conceito de recalque inconsciente ao de “assujeitamento ideológico” – em que cada

indivíduo, inconscientemente, é levado a ocupar um lugar na sociedade, identificando-se com grupos ou classes sociais (BATISTA-SOARES, 2016).

Tendo em vista que a operação de tornar consciente o inconsciente equivale a um trabalho de reconstrução da história do sujeito (CABAS apud BATISTA-SOARES, 2016), fundamenta-se a relação entre análise de discurso e psicanálise.

Com relação à pesquisa em psicanálise, Figueiredo e Minerbo a conceituam como “um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes” (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006, p. 258). Exemplificando essa diversidade de relações, explicam que pode haver tanto pesquisas que tenham como objeto de estudo teorias psicanalíticas, como outras que emprestem os conceitos psicanalíticos para a compreensão de fenômenos sociais e subjetivos – destacando que a pesquisa em psicanálise prescinde de um psicanalista atuante (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006).

No que se aplica às pesquisas que emprestam conceitos psicanalíticos para a compreensão de diferentes fenômenos, Caon destaca a singularidade do pesquisador psicanalítico (IRIBARRY, 2003). Singularidade esta que se caracteriza pelo campo de estudo – o inconsciente; seu objeto – a perspectiva em que se coloca o pesquisador visando acessar o inconsciente; e o método adotado para tanto (CAON apud IRIBARRY, 2003).

Na pesquisa psicanalítica, os dados coletados são organizados em forma de texto escrito. Com esse material, o pesquisador se lança à sua interpretação, utilizando duas técnicas psicanalíticas: a leitura dirigida pela escuta e a transferência do pesquisador ao texto dos participantes da pesquisa (CAON; FÉDIDA apud IRIBARRY, 2003).

A etapa da leitura dirigida pela escuta caracteriza o que Iribarry (2003) chama de laboratório do texto psicanalítico – onde o pesquisador, movido por suas impressões transferenciais, faz suas interpretações e busca identificar contribuições singulares e diferenciadas daquelas que a literatura fornece, procurando identificar significantes cujo sentido assumem o caráter de uma contribuição para o problema de pesquisa norteador da investigação.

Outro aspecto considerado nesta pesquisa refere-se à interpretação de gestos das participantes. Ferenczi (SILVA, 2015) denominou de “linguagem dos gestos” os bocejos, sono, tosses repentinas, mímicas, atitudes corporais, modo de cruzar e descruzar as pernas, olhares ao redor do *setting* etc, admitindo que os pacientes utilizam expressões corporais como forma

de preencher lacunas psíquicas nos seus discursos. “Nos momentos em que o sistema psíquico falha, o organismo começa a pensar” (FERENCZI apud SILVA, 2015).

Nesta perspectiva, cabe ainda destacar a importância de se analisar o que foi interdito ou não verbalizado durante a entrevista. Para Ferenczi (SILVA, 2015), o silêncio também representa uma forma de linguagem e de comunicação entre o analista e seu paciente diante do seu sofrimento psíquico.

Admitindo a presença de subjetividade do pesquisador psicanalítico, que tem início já no levantamento do problema de pesquisa e na escolha da estratégia para abordá-lo, Fédida lembra que Freud “sempre esteve movido por suas inclinações pessoais diante dos dados de sua pesquisa, e foi graças à sua interferência subjetiva que a psicanálise nasceu como uma teoria, um método e uma técnica de tratamento” (FÉDIDA apud IRIBARRY, 2003).

Iribarry (2003) destaca que, devido à imprevisibilidade do inconsciente, não é possível uma sistematização completa e exaustiva da pesquisa psicanalítica, reforçando que o método utilizado pelo pesquisador sempre será singular.

Procedimentos de construção do material

A coleta dos dados deste trabalho ocorreu por meio de formulários (ANEXO A) preenchidos por 97 mães e gestantes, via Google docs, sobre seus sonhos recentes, além de entrevistas semiestruturadas individuais (ANEXO C) realizadas com duas dessas participantes.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCeub (ANEXO D), as participantes foram convidadas, por meio de grupos de mães nas redes sociais, a preencher os formulários. Nestes, constavam os objetivos da pesquisa, o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de dados sociodemográficos e do relato de sonhos recentes. Os questionários ficaram disponíveis para respostas no período de 25/08/21 a 02/10/2021. Foram recebidos 97 formulários, a partir dos quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas das participantes, visando aprofundar a compreensão a respeito de suas vivências, angústias e desejos, tendo em vista a evidente limitação de um questionário online no que diz respeito à análise de processos subjetivos.

As entrevistas foram gravadas em áudio, mediante autorização das participantes, e foram feitas anotações a respeito de gestos, expressões e silêncios percebidos durante as

conversas. O conteúdo obtido pela fala foi, então, transcrito, mantendo o estilo e vocabulário das entrevistadas.

Procedimento de análise

O material obtido a partir dos questionários e das entrevistas foi analisado com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso, articulados aos conceitos teórico-clínicos da psicanálise.

O texto coletado, chamado de superfície linguística (ORLANDI, 2005), recebeu um primeiro tratamento, onde foi analisada sua materialidade linguística (o “como se diz”, “quem diz”, “em que circunstâncias” etc.), sendo, então, transformado no objeto discursivo. A partir desse objeto, passou-se ao processo discursivo (ORLANDI, 2005), em que os discursos foram analisados a partir de conceitos psicanalíticos relacionados à maternidade.

Para a análise do material, foram adotados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas das participantes no discurso; (ii) localizar pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas e relatos das participantes; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas e relatos das participantes; (vi) identificar elementos de expressão não-verbal.

Na fase de interpretação, procurou-se identificar os processos de subjetivação da vivência da maternidade, bem como construir hipóteses sobre os não-ditos presentes nos relatos de sonhos e discursos das participantes, relacionando o lugar em que se manifesta o sujeito da enunciação com o seu contexto sócio-histórico (GREGOLIN, 1995).

Com relação às entrevistas realizadas, cabe ressaltar que os trechos apresentados não seguem a ordem cronológica da fala das participantes, tendo sido organizados de forma a possibilitar uma melhor compreensão dos subtemas tratados. Os nomes citados são fictícios, preservando a privacidade das participantes. No que diz respeito aos trechos de sonhos relatados, não foram nomeadas as respondentes.

CAPÍTULO III - SONHOS

O interesse pelo estudo dos sonhos em contextos, épocas e grupos específicos tem aumentado nos últimos anos, em uma tentativa de compreender melhor anseios e desejos coletivos a partir de elementos oníricos que “se repetem, que insistem, que se inscrevem em algum ponto dessa fronteira tênue entre o individual e o coletivo no qual o sujeito da psicanálise se inscreve” (ROSA et al, 2021, p. 229). Como exemplo, temos o livro *Sonhos Confinados* (2021), organizado por um grupo de psicanalistas, que aborda relatos no contexto da pandemia Covid-19, e *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt, que apresenta sonhos de 300 pessoas que viveram na Alemanha depois da ascensão de Hitler, entre 1933 e 1939.

Em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, Freud demonstrou que os processos oníricos expressam os conflitos psíquicos do sujeito e realizam, de forma disfarçada, seus desejos inconscientes (GARCIA-ROZA, 2009). Assim, uma análise sobre os sonhos de mulheres gestantes e mães pode contribuir para compreender um pouco mais sobre desejos e angústias que permeiam a maternidade.

Destaca-se que, embora cada sonho apresente uma significação fundamentalmente singular, intrínseca à história de quem o produziu, há de se considerar, segundo o filósofo Walter Benjamin, uma dimensão de análise social a ser explorada a partir dos sonhos, tendo em vista que “os restos do dia, que aparecem no material onírico de cada um, estão ligados ao coletivo no qual o sonhador está inserido” (GURSKI, 2021, p. 112). Segundo Rosa (2021, pg. 229):

Cada sonho pode compor um tecido discursivo, um mosaico, uma obra de arte, captando estremeamentos imperceptíveis, mas que, ao serem tomados em conjunto, sem que se faça desse conjunto o um totalizador, possibilita captar os dizeres de nossa época.

Numa definição preliminar, o neurocientista Sidarta Ribeiro (2019) afirma que o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos da memória, destacando que, embora dele participemos normalmente como protagonistas, isso “não significa que tenhamos controle sobre a sucessão de eventos que perfazem o enredo onírico” (RIBEIRO, 2019, p. 14)

Embora o autor aponte a reativação de memórias como origem das funções cognitivas do sono e dos sonhos, afirma também que ela “não basta para explicar a complexidade simbólica que caracteriza a narrativa onírica” (RIBEIRO, 2019, p. 16):

Não é comum sonhar com a repetição exata das experiências da vigília. Ao contrário, a maioria dos sonhos é caracterizada pela intrusão de elementos ilógicos e associações imprevistas (RIBEIRO, 2019, p. 16).

A partir deste ponto, seus estudos incorporam os conceitos da psicanálise, ao considerar a presença de elementos inconscientes nas atividades oníricas. O autor destaca que “o arco de possibilidades do sonho é vastíssimo, beirando o insólito, o inverossímil e o caótico” (RIBEIRO, 2019, p. 14). Conforme Dunker, os sonhos têm como matéria-prima a vida social ordinária, com seus restos diurnos e pendências cotidianas, sendo criados por meio de nossa imaginação, memória e desejos, “mas somos surpreendidos pelos enigmas e estranhezas que eles causam em nós” (DUNKER, 2017, p. 10).

Freud destacou a pluralidade de sentidos, significados e desejos movimentados na produção onírica (IMBRIZI et al, 2021, p. 174), que se revelam por meio de personagens e situações aparentemente sem sentido e incongruentes. Para ele, o sonho não representa um presságio do futuro, mas veicula o desejo que é sustentado pelas fantasias e que mantém uma relação de expectativa com o tempo por vir. No sonho, a fantasia se empenha em corrigir a realidade insatisfatória (GARCIA-ROZA, 2009).

Disfarçado o desejo, seu sentido não pode ser imediatamente acessível ao sonhador. O conteúdo latente, por meio de mecanismos de censura como a condensação e o deslocamento, chega à consciência do indivíduo deformado, constituindo o conteúdo manifesto de que ele se recorda ao acordar (GARCIA-ROZA, 2009).

De acordo com Rosa, o sonho é um enigma a ser decifrado. O sonhador, ao buscar recuperar fragmentos de seus pensamentos, afetos e imagens, pode driblar a censura do supereu e chegar mais perto de compreender seus desejos e angústias (ROSA et al, 2019).

Além da expressão de desejos, os sonhos também podem trazer elementos de experiências traumáticas que não foram suficientemente simbolizadas. Sendo a via privilegiada de acesso ao inconsciente, quando no sonho o sujeito se aproxima demais de uma verdade insuportável, ele desperta – “esse despertar à realidade serve justamente para evitar o despertar para a própria verdade” (RODRIGUES et al, 2021, p. 160).

Para buscar o real sentido do conteúdo onírico, Freud defende um método de interpretação que parte do conteúdo manifesto dos sonhos para chegar aos pensamentos latentes. Segundo Dunker, “o absurdo é a superfície aparente do sonho, mas uma escuta atenta desvelaria a lógica inerente aos processos oníricos latentes. Com isso, Freud retirou o desejo da bruma do inefável, do incognoscível e o devolveu à trama das experiências contingentes da vida de um sujeito” (DUNKER et al, 2021, p. 14).

Seu método toma como objeto de atenção parcelas isoladas - em especial aquelas omitidas ou as que aparecem de forma estranhamente confusa no sonho -, e não seu conteúdo como um todo. O sentido dos sonhos virá exclusivamente das associações feitas pelo próprio sonhador (GARCIA-ROZA, 2009). Ao tentar compreender os enigmas de sua experiência, o sonhador é levado a se implicar nas questões que aparecem no material onírico, tendo assim a possibilidade de construir “um mínimo de sentido e compreensão ao *nonsense* do material onírico, tornando sua angústia menos aniquiladora” (GURSKI & PERRONE, 2021, p. 125), e potencializando sua energia para o enfrentamento das transformações necessárias em seu cotidiano.

No que tange especificamente à escuta de sonhos de mulheres, surge a possibilidade de se abrir espaço para uma linguagem feminina própria, já que no sonho sentidos inéditos podem emergir, “permitindo um acesso ao inconsciente que seja anterior a um processo de repressão ou recalçamento de signos ou significados rechaçados em um simbólico predominantemente masculino” (RODRIGUES et al, 2021, p. 140).

Para desnaturalizar o que foi construído pela cultura, faz-se necessário, segundo Maria Rita Kehl, “conhecer as origens do discurso que confere às mulheres um lugar – fixado pela tradição – no campo do Outro” (KEHL, 2016, p. 39). A partir disso, seria possível pensar em uma transformação.

Para Irigaray, em *Esse Sexo que não é só um Sexo* (2017), a linguagem é campo simbólico que reconhece apenas o sujeito masculino, “confirmando um regime de subjetivação incapaz de reconhecer a forma feminina de ser sujeita” (RODRIGUES et al, 2021, p. 140). Assim, dar voz ao inconsciente feminino, driblando a censura do supereu, seria em si um ato analítico:

A via do sonho e de seu relato pode ser uma forma de constituir o que Irigaray pensa como um *parler-femme*, homofonia intraduzível que tanto pode indicar “falar-mulher” ou “fala das mulheres”, aqui indicação de que o sonho pode ser uma tentativa de criar uma narrativa da experiência de linguagem feminina para essas mulheres. Trata-se de contar sem descrever as mulheres como objeto, visando torná-las sujeitas de suas narrativas. Pensando a partir da autora, o ato de sonhar e de relatar esses sonhos pelas mulheres, assim como o ato de escutar seus sonhos, já seria um ato analítico, subjetivante e produtor de linguagem: um movimento rumo à criação de um simbólico feminino (RODRIGUES, 2021, p. 156).

Com isso, espera-se que, ao relatar seus sonhos, as participantes desta pesquisa possam compartilhar algo da ordem de sua vivência que não está presente em sua fala consciente, pois muitas vezes encontra censura e resistência para ser expresso. Como prenuncia Rosa:

O sonhador, ao entregar seu sonho à leitura de outros, reflete a esperança de alguém que lança ao mar uma garrafa que contém, em breve escrito, uma mensagem. Esse pequeno escrito também vai com uma aposta. Aposta de que alguém vai ler o que ele escreveu, de que haverá uma escuta (ROSA et al, 2021, p. 229).

3. 1 Análise dos sonhos

A partir de um questionário virtual enviado por meio de redes sociais, foram recebidos 97 formulários contendo relatos de sonhos recentes de mães ou gestantes. Diante dos dados obtidos, foram realizadas entrevistas com duas destas respondentes, com vistas a buscar suas associações com os sonhos relatados e compreender melhor aspectos relacionados à sua forma de maternagem. Dos discursos obtidos mediante os formulários e as entrevistas, buscou-se relacionar aspectos da teoria psicanalítica com a vivência ou expectativa da maternidade.

Das 97 respondentes dos formulários, oito possuem entre 18 e 30 anos; 29 encontram-se na faixa etária de 31 a 40; 41 das mulheres estão na faixa dos 41 a 50 anos e 19 acima de 51. Quanto à escolaridade, 1% possui 1º grau completo; 5,2% possuem segundo grau completo; 76,3% possuem nível superior; 14,4% mestrado; 3,1% doutorado. No que diz respeito à raça, 69,1% das respondentes se declararam brancas; 24,7% pardas; 5,2% pretas e 1% amarela. Com relação à renda familiar, 33% apontaram renda superior a 15 salários-mínimos; 11,3% renda entre 12 e 15 salários-mínimos; 15,5% de 9 a 12 salários; 20,6% de 6 a 9; 6,2% de 3 a 6 salários; 4,1% entre 1 e 3; 1% até 1 salário-mínimo; 8,2% preferiram não declarar sua renda.

A partir desses dados, constata-se que a maioria das participantes se encontra na faixa dos 41 a 50 anos de idade, possui nível superior, declarou-se branca e com renda superior a 15 salários-mínimos. A forma de seleção das participantes – por meio de redes sociais, que demandam acesso à internet, equipamentos eletrônicos, etc – parece ter influenciado no delineamento desse recorte social. Assim, considera-se importante destacar que essa estratificação aponta para a realidade de uma camada específica da população e, muito embora os sofrimentos maternos aqui apresentados sejam comuns a muitas mulheres, não se deve desconsiderar que sua complexidade varia de acordo com contexto social, situação socioeconômica, raça/etnia, idade etc.

Dos formulários recebidos via formulário Google, percebe-se que alguns temas se mostraram recorrentes nos relatos de sonhos das participantes, como sobrecarga, sensação de cansaço extremo, medos diversos, demandas externas por seus cuidados, desejo de liberdade. Muitos desses temas também se expressaram na fala das entrevistadas. A partir dessa

constatação, buscou-se articular os discursos obtidos com os conceitos teóricos referentes aos sentimentos que permeiam a maternidade.

Sobrecarga e exaustão

A sobrecarga de tarefas foi recorrente nos sonhos das participantes, muitas vezes acompanhada de uma sensação de culpa por não conseguir realizar todas as atividades demandadas e frustração por desapontar outras pessoas. Tais sentimentos se verificam no relato abaixo, em que a participante informou estar sobrecarregada de atividades à época do sonho:

Sonhei que estava entrando nos parques da Disney e não conseguia achar os ingressos, o processo era bem burocrático e todos estavam me esperando e eu estava toda atrapalhada procurando os documentos e acordei desesperada de ver as pessoas me esperando e eu decepcionando e atrapalhando.

Chama a atenção a sensação de desespero citada pela participante ao se imaginar decepcionado os outros ao não corresponder a suas demandas, por não ser o objeto que preencherá suas faltas, ainda que fosse ela a única ocupada com uma tarefa que era de interesse coletivo. Essa preocupação também se evidencia no sonho abaixo, em que a participante se vê em meio a várias demandas da escola da filha, sendo cobrada por diversas pessoas, tendo que se justificar, e ao mesmo tempo se preocupa com o fato de o marido estar esperando no carro:

Eu levava minha filha até sua sala de aula, tomando uma taça de vinho. Pisava na mesa da professora para ir ao outro lado da sala, toda desengonçada. A professora me cobrava o material escolar e eu falava que já tinha levado há muito tempo. Ficava uma discussão entre prof, diretora e auxiliar sobre isso. Ela perguntava se eu tinha a cena na cabeça e me pedia para descrever o dia em que levei. Eu falava com detalhes (tinha levado uma caixa, a antiga auxiliar conferiu tudo, dias depois ela mandou uma pequena parte de volta dizendo que era para ficar em casa). Elas ficavam lá tentando entender, e eu agoniada porque meu marido estava esperando no carro já há bastante tempo.

O detalhamento com que descreve o dia em que levou o material à escola demonstra uma preocupação grande em provar que cumpriu exemplarmente sua tarefa. Conforme alerta Zalcberg, aspirar ser a mãe perfeita de filhos perfeitos é a “receita de base para transformar a mulher em escrava de um ideal inacessível” (ZALCBERG, 2019, p. 327), que cria um sistema de dependência de referências, onde certamente a mulher cobrará de seus filhos não menos do que a perfeição que ela imagina representar, alimentando um ciclo adoecedor.

Uma das participantes sonhou que “perdia” seu filho em um lugar desconhecido. Ao assumir para si a culpa pelo sumiço do filho, ela desconsidera que outras pessoas também

deveriam estar atentas à criança. Segundo Donath (2017), essa autocobrança decorre do fato de, em geral, ser a mãe que está presente na maior parte dos cuidados com os filhos:

Ao passo que, por um lado, as mulheres vivem sob a sentença de que “as mães sabem o que é melhor”, ao mesmo tempo é a mãe que costuma se culpar por ser afetuosa ou distante demais; dominadora e superprotetora ou indiferente e desapegada demais; principalmente por um motivo: é ela, em termos gerais, que está presente durante a infância dos filhos. Ou é a única que se acusa por não estar presente (DONATH, 2017, pg. 62).

O sentimento de culpa resta bem evidente no sonho abaixo:

Minha mãe estava internada, com os órgãos para fora, e eu estava cuidando dela. Em um momento fomos andar e eu segurava como se fosse a bolsa de medicação ou soro que estava conectada a ela, mas em algum momento me distrai conversando com meu marido e ela continuou andando e esse acesso se rompeu. Quando me dei conta fui correndo ver e ela estava no chão quase morta.

A participante informou que, na semana do sonho, ao colocar seu bebê para dormir, não percebeu que ele estava se mexendo no carrinho e caiu no chão. Parece provável que o susto e a culpa que sentiu pelo ocorrido tenham se manifestado no sonho, pelo mecanismo de deslocamento, já que, diante de um descuido seu, sua mãe quase morre. Assim, sentindo-se culpada, a participante permanece se punindo em seus sonhos.

Sonhei que estava fazendo algo que eu não queria, só por falta de ânimo para dizer não.

No relato acima, destaca-se que a incapacidade da participante de se negar a realizar alguma tarefa a leva a assumir compromissos e responsabilidades para atender os desejos dos outros, e não necessariamente os seus. Segundo Zanello (2018), a dificuldade de dizer ‘não’ é frequentemente relatada pelas mulheres nos atendimentos clínicos, “muitas vezes envernizada por uma maquiagem de altruísmo” (ZANELLO, 2018, p. 155). Nesse altruísmo, no entanto, muitas vezes se esconde o narcisismo:

Precisamos destacar que muitas mulheres acabam por “precisar serem precisadas” (ZANELLO, 2007). Ou seja, se colocam como função altamente competente de cuidados dos membros da família e da casa, com o ganho narcísico de serem “insubstituíveis”. (ZANELLO, 2018, p. 167).

Porém, como afirma Iaconelli, nesse ímpeto de querer dar conta de todas as atividades, as mulheres estão sempre se sentindo em falta – seja com a profissão, com a casa, com os cuidados pessoais, com a vida amorosa e, principalmente com os filhos. Assim, se desdobram

cada vez mais para diminuir essa falta e abarcar o máximo de tarefas possível. Com isso, acabam reforçando o paradigma idealizado de supermulher, pois ao invés de se rebelarem contra ele, “não abrem mão da fantasia onipotente supondo que outras mulheres consigam fazer tudo ao mesmo tempo” (IACONELLI, 2020, p.77).

Supermulher

O paradigma da supermulher também pode ser associado à ideia de heroína, sempre pronta a salvar ou ajudar alguém, como expresso em alguns dos sonhos relatados na pesquisa:

Sonhei que estava sendo assaltada e ele apontava a arma pra minha filha, então eu fiquei na frente dela e depois lutei com o ladrão.

Sonhei que meu esposo caía dentro do rio com o carro e eu pulei dentro do rio desesperada para tentar tirar meu marido de dentro do carro.

Meu esposo sofrendo, me pedindo socorro.

Sonhei com vizinhos antigos, um dos filhos me pedia ajuda.

Sonhei que estava ajudando uma pessoa que não tenho muita simpatia.

Eu descobria que um menino tinha batido no meu filho. Era filho do síndico do meu prédio. Eu ia atrás para ameaçá-lo, não achava ninguém na casa dele. Senti muita raiva no sonho, acordei angustiada.

Tais relatos também chamam a atenção para o fato de que, em geral, são as mulheres que dedicam parte de seu tempo ao cuidado de terceiros. Esse tempo, segundo Donath, “não corresponde ao ‘tempo do relógio’, porque não costuma ter começo nem fim, e está entrelaçado a outras atividades” (DONATH, 2017, p. 140). O cuidado com terceiros constitui, portanto, outro objeto de preocupação que se impõe às mães, exigindo atenção, paciência e disponibilidade permanentes.

Sonhei com a fazenda do meu avô, onde eu costumava passar férias. De repente começava um grande incêndio. Uma pessoa parecia ter se machucado, mas nada aconteceu a ela. No momento do incêndio eu também vi que o meu avô estava ali, mesmo ele sendo falecido há alguns anos. Eu atravessava o incêndio e não me queimava. Eu ia até o galinheiro e via que na verdade não havia galinhas, mas porcos.

Nesta última narrativa, a participante informou estar vivenciando extremo cansaço na ocasião do sonho. Sensação de exaustão, desejos de liberdade, fuga ou descanso também apareceram em muitos dos sonhos relatados pelas participantes, ou foram citados como observações nos formulários.

Estava com um grupo de pessoas em um quarto, tentando fazer minha filha dormir, com a técnica do xiiiiii, exausta. Um amigo estava comigo na cama e dizia que eu

estava fazendo errado. Digo que só preciso que ela durma, porque não aguento mais. Ela levanta e eu saio atrás dela pela cozinha.

A expressão ‘não aguento mais’ simboliza o nível de exaustão enfrentado por muitas mães, evidenciando o aspecto negativo da ‘sociedade de cansaço’ teorizada por Han (2017), em que o sujeito, num sentimento constante de culpa, se força a produzir cada vez mais, até sucumbir. Um dos possíveis confortos para essa situação seria pensar que o esgotamento materno teria uma limitação temporal, que, cumpridas as obrigações com o filho, a mulher encontraria descanso. Porém, conforme alerta Donath, a realidade não é bem assim:

A sensação de obrigação, responsabilidade e preocupação em relação aos filhos não costuma desaparecer, nem mesmo quando essas tarefas mecânicas ficam para trás, uma vez que, para muitas mulheres, a consciência da maternidade está sempre presente, 24 horas por dia, sete dias por semana (DONATH, 2017, p. 137)

Aqui entra em pauta a questão do trabalho emocional, em geral assumido pelas mulheres, que implica uma preocupação constante com o bem-estar da família, e que as leva a continuarem “alimentando os filhos simbolicamente” e a cuidar deles em sua consciência, mesmo anos depois da primeira infância (DONATH, 2017, p. 140).

Sonhos de angústia

Geralmente, os sonhos inquietantes são interrompidos pelo despertar do sujeito, que estaria se aproximando demais de uma verdade insuportável (RODRIGUES et al, 2021). Trechos de sonhos envolvendo angústia e medo foram lembrados por algumas das participantes.

Sonhei que estava com alguns amigos em um lugar alto, eles estavam com pressa e muito ansiosos. Nós precisávamos descer desse lugar e tinha dois caminhos. Um deles era uma escada muito alta sem proteção e bem perigosa. Eu olhei e comecei a pensar se era seguro, mas eles me empurraram pra eu ir logo. A escada saiu do lugar e caiu comigo. No momento da queda eu sabia que eu e meu bebê iríamos morrer (eu estava grávida no sonho). Mas por um milagre não morri e relatei o que aconteceu para o meu marido. No sonho ele duvidou que era muito alto.

A participante do sonho acima relatou que, à época do sonho, estava grávida e enfrentando uma fase de baixa autoestima, com medo de ser uma mãe insuficiente e sentindo-se preterida pelo marido. Esses receios parecem ter se expressado por meio de alguns elementos do sonho, em que aparecem dúvidas quanto à melhor forma de proteger seu filho e a falta de compreensão de seu marido, que no sonho duvida do que ela diz. Segundo Donath, a incerteza

sobre os desdobramentos a longo prazo no que diz respeito aos filhos pode gerar uma “série de relações conflituosas saturadas de sentimentos complexos, frutos da percepção comum de como uma “boa mãe” deve ser, se comportar e se sentir” (DONATH, 2017, p. 62).

Tenho um sonho que sempre se repete! Estou para perder algum meio de transporte que me levaria para minha real casa! Uma angústia!

Aqui a própria participante menciona a angústia sentida no sonho, pelo medo de não retornar ao que lhe é familiar. No entanto, o desejo de retorno da participante à sua *real* casa, levanta a questão de qual casa se trata no sonho. A angústia por ela relatada também poderia ter relação justamente com o que lhe é familiar, despertando um sentimento de estranheza diante de si mesma e de todas as coisas ao redor.

De acordo com Iannini, em seu ensaio sobre o infamiliar Freud aponta que:

(...) a ambiguidade inerente ao que nos é familiar – o doméstico, o relativo à dimensão da casa – é também aquilo que é íntimo e, por extensão, secreto. (...) O infamiliar é o sentimento angustiante de quando essa ambiguidade inerente ao familiar, que deveria ficar oculta, vem à tona (IANNINI, 2021, p. 46).

A inquietação que se sente diante dos sentimentos mais íntimos e secretos também pode estar por trás do seguinte relato, em que a participante deseja mergulhar mais fundo (em seu inconsciente, talvez), mas desperta diante do medo que isso lhe causa: “*Estava nadando em mar aberto, e eu tinha desejo de mergulhar mais no fundo, porém tive muito receio e acabei acordando*”.

Somam-se a essas narrativas relatos de mulheres gestantes que demonstram temores com relação ao nascimento de seus filhos:

Nos primeiros meses de gravidez, eu não era de sonhar. Mas nos últimos meses de gestação, sonhava que perdia o meu bebê!

Sonhei que meu gatinho kami tinha morrido, mas graças a Deus ele está vivo.

Sonhei que o pé/perna dele saía, eu via e ficava desesperada.

Quando eu estava grávida sonhava muito que meus gêmeos nasciam com problemas de saúde ou deformados ou siameses.

Em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud aponta que mesmo os sonhos aflitivos e de angústia, uma vez elucidados, podem se revelar como realizações de desejos:

Mas, nos casos em que a realização de desejo é irreconhecível, em que é disfarçada, deve ter havido alguma inclinação para se erguer uma defesa contra o desejo; e, graças a essa defesa, o desejo é incapaz de se expressar, a não ser de forma distorcida (FREUD, 1900, p. 136).

Assim, o conteúdo aflitivo dos sonhos serviria apenas para disfarçar algo que as participantes desejam, o que poderia ser investigado a partir de um trabalho de interpretação. No entanto, seguindo Iannini, a simples narrativa por meio do formulário já pode ter contribuído para a construção de um mínimo de sentido e compreensão ao *nonsense* de seu material onírico, possibilitando amenizar sua angústia (IANNINI, 2021, p. 95).

Sujeito desejante

O ideal de maternidade apregoado traz em si uma ideia de que a boa mãe “deve se apagar em favor de suas responsabilidades para com os filhos (e marido), com a promessa de atingir a felicidade (‘ser mãe é padecer no paraíso’)”, (ZANELLO, 2018, p. 135), não restando espaço para a expressão de seus desejos:

No entanto há a persistência do valor da maternidade, vendida como a realização da mulher, sem rachaduras em que se possa perscrutar qualquer rasgo de insatisfação, sofrimento, frustração ou o próprio não desejo de ser mãe (ZANELLO, 2018, p. 138).

Tendo em vista que os sonhos constituem uma possibilidade de driblar a censura do supereu e a censura ideológica dos discursos de verdade vigentes (ROSA et al, 2019, p. 230), observou-se que, entre os relatos recebidos, desejos outros que não relacionados unicamente à maternidade puderam se expressar. A participante do trecho abaixo registrou em seu formulário estar pensando na possibilidade de viajar ‘para fugir dos problemas’:

Eu viajava com uma pessoa para uma praia que são 6 horas de viagem e quando chegava lá outras duas pessoas também queriam ir, mas tinham perdido a oportunidade de ir junto e tinha que ver se tinha ônibus.

Outra mãe, que se sonhou “tão feliz” vivendo sozinha em uma cabana na praia, confessou seu desejo secreto de morar sem os filhos. Sendo a maternidade vista no imaginário coletivo como um lugar de abnegação, livre de conflitos interpessoais, a expressão verbal de desejos como o da participante – de viver longe dos filhos – encontra-se sujeita a julgamentos e críticas que dificultam sua manifestação. Mattar e Diniz destacam que muitas mães temem serem estigmatizadas ao demonstrar insatisfação na maternidade, e assim sentem-se

moralmente obrigadas a exercê-la, quaisquer que sejam as condições (MATTAR & DINIZ, 2012, p. 108).

Dessa forma, por meio dos sonhos, submetidos a um nível menor de censura, tais desejos poderiam se expressar mais livremente, ainda que de forma disfarçada. Conforme Ribeiro: “Os sonhos funcionam como uma espécie de radar capaz de apreender com mais agudeza aquilo que parece recalçado ou não dito em nossa experiência social compartilhada” (RIBEIRO, 2019, p. 14).

Também apareceram relatos que expressam necessidade de amparo e conforto:

Sonhei que estava tentando chegar ao terreiro de umbanda que trabalho e tudo me impedia - o trânsito, eu não achava a roupa que deveria usar... Foi difícil, mas quando consegui fui abraçada pela mãe de santo e fiquei bem feliz.

Zanello chama a atenção para o fato de que, devido ao “hetero-centramento”, em geral, as mulheres se doam e cuidam dos outros muito mais do que de si mesmas. Além disso, dificilmente encontram reciprocidade nesses cuidados (ZANELLO, 2018).

Segundo Winnicott, a mulher também passa por um processo de evolução durante a maternidade (NASIO, 1995). Confrontando-se com o desamparo fundamental do bebê, a mãe constata sua própria fragilidade, diante da responsabilidade de ter que suprir todas as necessidades do rebento. Pouca importância é dada a essa situação, o que colabora para levar muitas mães a sofrimentos psíquicos.

Sonhos ligados à vida amorosa das participantes também foram relatados, confirmando que há desejos fora da maternidade. Miller alerta que os cuidados que a mãe dispensa à criança não devem desviá-la de seus desejos como mulher. Ou seja, é preciso que “a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo”; que “o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno” (MILLER, 2014, p. 2).

Vários foram os relatos neste sentido, tanto de participantes casadas como solteiras/divorciadas, como por exemplo:

Sonhei que beijava um antigo amigo da época da faculdade.
Um ex-namorado estava me paquerando.
Sonhei com meu ex como se ainda estivesse casada.

Lacan chama a atenção para o fato de que é o desejo da mãe – aqui compreendida como a pessoa que desempenha a função de maternagem – que irá inscrever o bebê, em sua “indizível

e estúpida existência” (LACAN apud MOURA, 2013, p. 390), na linguagem, possibilitando que mais tarde ele venha a ser um sujeito desejante (MOURA, 2013, p. 390). No entanto, é necessário que a mulher encontre também um desejo fora da maternidade para evitar que o filho “fique condenado à alienação máxima de realizar a fantasia de sua mãe, permanecendo assim cativo do gozo da mesma” (MOURA, 2013, p. 396).

Zalcborg enfatiza a importância de a mulher compreender que a maternidade não representa a única e definitiva solução da questão feminina pela qual ela é atravessada, e que se sinta disponível para o amor e outros interesses, o que contribui para a construção de sua feminilidade (ZALCBORG, 2019, p. 329).

Síndrome do ninho vazio

Tem-se a ideia de que os sofrimentos da maternidade predominam na fase em que os filhos são pequenos e gradualmente vão diminuindo à medida em que estes vão ganhando autonomia. No entanto, parece mais correto dizer que os problemas mudam de categoria. Se no início as preocupações giravam em torno, sobretudo, de cuidados físicos e emocionais para garantir a sobrevivência do bebê, com o amadurecimento deste e sua entrada em sociedade, passa-se a lidar com questões voltadas à educação, segurança, relacionamentos, mercado de trabalho. Finalmente, quando teoricamente o filho estaria preparado ‘para o mundo’, a mãe se depara com a chamada síndrome do ninho vazio.

A síndrome do ninho vazio constitui “o sofrimento associado à perda do papel da função parental com a saída dos filhos da casa dos pais” (SARTORI & ZILBERMAN, 2009, p. 113). De acordo com Sartori e Zilberman, em geral, os pais dedicam uma média de 20 anos ao crescimento e desenvolvimento dos filhos. No momento em que a maioria das obrigações parentais se reduz e o relacionamento passa a ser entre adultos, envolvendo maior reciprocidade, os filhos começam o movimento de construir uma vida própria fora da casa dos pais. Embora a presença de crianças em geral diminua a qualidade de vida dos pais, em decorrência da sobrecarga, da atenção constante que demandam etc., quando chega a época de sua saída, sentimentos de infelicidade e insatisfação podem emergir (SARTORI & ZILBERMAN, 2009).

No relato abaixo, a participante mencionou que a filha pensa em morar fora do país quando se formar, e que a possibilidade de vê-la “abrir as asas” a faz sofrer por antecipação:

Tenho uma única filha de 21 anos. Demorei muito para conseguir engravidar, e só consegui aos 31 anos. Recentemente tenho sonhos com ela quando criança, onde eu estou a procurando, o que causa muita angústia. Quando não estou procurando por ela, ela está machucada ou precisando de ajuda. Muito ruim...

A participante não consegue vislumbrar que a filha possa ficar bem estando longe dela. Ao visualizar, no sonho, a filha como criança e não conseguir encontrá-la, parece não querer aceitar seu crescimento, sua autonomia – aquela criança já não existe mais, mas a mãe continua procurando por ela. Quando não se vê buscando a criança e nem está por perto, imagina sempre a filha em situações ruins, como se ela só pudesse ficar bem na presença da mãe. A busca por atender a todas as demandas dos filhos guarda relação com o que Freud aborda em *Introdução ao Narcisismo* (1914):

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade, o bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada pelo refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (FREUD, 1914, p. 98).

O excesso de zelo da participante com sua filha corresponderia, assim, a uma revivescência e reprodução do próprio narcisismo materno (FREUD, 1914).

Sonhei que minha filha de 13 anos tinha pintado o cabelo de loiro. Ela é morena, e a pintura ficou muito mal-feita. Fiquei muito brava, coloquei ela de castigo e acordei nervosa.

Neste sonho, ao ver sua filha agir de maneira contrária à sua vontade, a mãe se enfurece e a coloca de castigo. Esse sentimento pode apontar para uma dificuldade da mãe de interromper o processo de alienação teorizado por Lacan, em que resta presente uma relação de poder desigual - de um lado, aquela que desempenha a função materna decidindo sobre tudo o que rege a vida da criança e, do outro lado, a criança que ainda não é nem sujeito, mas objeto: “objeto real nas mãos da mãe, que, muito além do que é exigido pelos cuidados, pode servir-se

dele como de uma propriedade, uma boneca erótica com que gozar e a que fazer gozar” (SOLER apud MOURA, 2013, p. 393).

Como já mencionado, no início da vida, é a mãe quem interpreta e responde pelas demandas da criança, atribuindo “sentido ao não sentido” (MOURA, 2013, p. 394), e esse processo é necessário para que o bebê venha a ser, mais à frente, um sujeito desejante. No entanto, a filha da participante deste relato já tem 13 anos de idade, o que demonstra a dificuldade de algumas mães de reconhecer a alteridade em seus filhos.

Aqui compreende-se a analogia lacaniana entre a mãe e um crocodilo prestes a abocanhar seu filho. É neste momento que surge a necessidade da intervenção paterna para impedir que a criança seja devorada. Ao privar, interditar e frustrar a relação mãe-bebê, a função paterna possibilita que a criança se torne um sujeito desejante, retirando-a da posição de objeto de gozo materno, e possibilita à mãe retomar sua condição feminina e seus laços sociais (MOURA, 2013). Assim, o pai aparece como a Lei que sustenta o desejo do sujeito (QUINET, 2009).

Benhaim chama a atenção para outro aspecto da ambivalência materna que surge nesse contexto, em que é necessário à mãe marcar a falta para o bebê e ao mesmo tempo consolá-lo dessa angústia, permitindo, assim, que ele deixe de ser o substituo do falo materno (BENHAIM, 2016).

A mãe da minha mãe

Uma das participantes relatou que sonha constantemente que sua mãe está brigando com ela, e diz que nunca se lembra dos motivos das brigas. Em seu questionário, ela mencionou que sua vida está um caos desde que começou a pandemia do Covid-19 e que seus dois filhos têm ficado na casa de seus pais.

Deixar os filhos na casa dos pais parece estar gerando na participante uma culpa inconsciente por não conseguir estar totalmente disponível para eles, além de uma punição representada nos sonhos pelas brigas de sua mãe. Também pode ter possibilitado uma interferência maior da mãe em sua vida, já que é ela quem está cuidando dos netos, e estar gerando conflitos na relação das duas.

Isso traz à tona uma outra temática que envolve a maternidade: apesar da imagem idealizada que se construiu das mães, muitos são os atritos que envolvem mães e filhos, pois as

ambivalências ocorrem dos dois lados. Segundo relembra Forna: “Pensem em como somos obcecados por nossa própria mãe. Elas têm uma capacidade, que nenhuma outra pessoa tem, de nos decepcionar, enraivecer, frustrar e nos colocar um fardo” (FORNA apud ZANELLO, 2018, p. 144).

Benhaim destaca que, junto à ambivalência materna, coexiste uma ambivalência de sentimentos nos filhos:

Ser o único objeto do desejo desse Outro do qual depende absolutamente introduz imediatamente o ódio no amor: tratar-se-á de odiar esse Outro do qual depende absolutamente, ou seja, de forma vital, mas de amá-lo, mesmo assim, por medo de que esse ódio o leve à perda; de que, por ser odiado, ela o abandone (BENHAIM, 2016, p. 76).

Moura aponta que a maternidade tem como referência o modelo edípico, estando ligada à primeira relação da mãe com a sua própria mãe. Evocando o Édipo feminino, a autora destaca que a menina, ao descobrir-se castrada, disputa com a mãe e reivindica do pai o falo que não lhe fora concedido (FREUD apud MOURA, 2013, p. 395).

Segundo Soler, na clínica, a mãe aparece nos discursos dos pacientes sobretudo com conotações acusatórias: “Imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera” (SOLER apud MOURA, 2013, p. 395), trazendo implicações sobre os demais relacionamentos do sujeito.

Com isso, vemos que a idealização materna também afeta psiquicamente os filhos. Zanello chamou a atenção para o “looping effect” produzido a partir dessa imagem culturalmente construída. Em decorrência desse efeito, temos que:

(...) crianças sem mães ou com mães biológicas que fogem ao padrão Dariana (quase todas) se sentem com autoestima baixa, rejeitadas etc. Ou seja, adoecemos psiquicamente também por aquilo que a nossa cultura prescreve como ideal e que, em contrapartida, prescreve como adoecedor (ZANELLO, 2018, p. 144).

Assim, esse ideal de maternidade adocece as mães – ao se colocarem diante de metas inatingíveis e nunca se permitirem ser prioridades, escamoteando seus desejos pessoais –, ao mesmo tempo que adocece também os filhos, que nunca poderão ter uma mãe nesse modelo idealizado (ZANELLO, 2018).

Neste ponto, Zanello acusa a participação das ciências “psis” em corroborar com esse adoecimento ao criar “um cabedal de situações “ideais”, bem como outras “traumáticas”, as quais foram divulgadas e se fizeram entranhar na cultura popular” (ZANELLO, 2018, p. 144). Citando algumas pesquisas, a autora demonstra o quanto psicólogos e outros profissionais da

área de saúde participaram da construção da culpa materna ao apontar as mães como principais causas dos distúrbios psicológicos infantis (EDMONDS, 2012; CAPLAN, 2012 apud ZANELLO, 2018, p. 144):

Caplan (2012) ressalta, nesse sentido, a partir de um levantamento sobre maternidade nas publicações da APA que, em média, 60% dos artigos patologizam a mãe: se elas são altruístas, são interpretadas como “masoquistas” e, se não são, são tachadas de egoístas e mães más; quando cuidadosas são lidas como intrusivas e, quando não tão cuidadosas, são vistas como negligentes. Segundo o levantamento realizado pela autora, as mães foram culpabilizadas por 72 tipos diferentes de problemas psicológicos! (ZANELLO, 2018, p. 144)

Masoquistas, egoístas, intrusivas, negligentes – nenhuma mãe escapa do julgamento moral quando diante desse modelo adoecedor de maternidade que se instaurou. No final, a culpa parece ser sempre da mãe.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

“Durante o sono, o freio é perdido, as jaulas são abertas e todas as feras saem para passear” (RIBEIRO, 2019, p. 349)

Tendo em vista a limitação que se coloca à análise dos relatos de sonhos enviados por meio de formulários, sobretudo no que diz respeito aos processos subjetivos das participantes, buscou-se aprofundar a compreensão a respeito das vivências, angústias e desejos da maternidade, por meio de duas entrevistas semiestruturadas

A primeira entrevistada (Tatiana), 35 anos, é casada pela segunda vez e mãe de 2 filhos do primeiro casamento (um casal, 12 e 15 anos). É servidora pública e graduada em Educação Física. Apresenta histórico de depressão pós-parto da segunda gestação.

Em seu questionário, Tatiana relatou o seguinte trecho de um sonho que ela diz tê-la marcado profundamente:

Eu estava em um lote que tinha um canil, e tinha um leão e uma tigresa que vinham correndo na minha direção. Eu dei um salto do chão (quase um voo) e consegui prender os dois quando entraram no canil e tentaram passar por mim. Fechei o canil e guardei o leão e a tigresa que não podiam mais me ameaçar no sonho.

A entrevistada começou dizendo que o lote em que o sonho se passava era um terreno grande em que vive seu pai, e onde ela morou por 29 anos, incluindo o período de seu primeiro casamento e as duas gestações. Antes de relatar o conteúdo manifesto do sonho, falou sobre a forma como ocorreu sua primeira união – ela e o ex-marido namoravam há 10 meses e ela engravidou, sem planejamento; não queria se casar, mas quando “deu por si”, já estavam morando juntos na casa de seu pai.

Nota-se que, ao se defrontar com o seu sonho, Tatiana começou discorrendo sobre elementos outros que não os diretamente relacionados ao conteúdo onírico, perpassando diversos fatos de sua história. Conforme Iannini:

Os sonhos, ao serem tomados como um enigma endereçado aos sonhadores, podem colocar aquele que sonha a trabalho, numa tentativa de decifração que pode ser traduzida na pergunta: o que isso tem a ver comigo? Na tentativa de tratar o real, as produções oníricas convocam o sujeito a responder, de uma forma ou outra, à coexistência em um só tempo de elementos históricos e subjetivos do passado e do futuro (IANNINI, 2021, p. 95).

Continuando sua narrativa, explicou que passados seis anos de união, o casal comprou um apartamento, mas ela relutou em se mudar. Sugeriu alugarem o imóvel a fim de juntar dinheiro para depois comprar um maior, mas na verdade ela já estava insatisfeita com o rumo que a vida havia tomado: *“Eu olhei pra ele e pensei: Velho, eu vou ter que cuidar de 3 pessoas (o marido e os 2 filhos)! Não vai dar certo isso. E eu?”*

A sobrecarga e a exaustão aparecem com intensidade em seu discurso, com reflexos inclusive em suas capacidades intelectual e criativa:

Me lembro que nesse momento eu parei de escrever poesias. Eu me sentia muito cansada e a minha veia artística parece que foi se apagando. A inspiração foi embora, e eu estava sempre preocupada pensando em alguma coisa.

Ela conta que, na segunda gestação, enfrentou uma depressão pós-parto, que a fez repensar muitas decisões:

Eu pensava o tempo todo: que merda foi essa em que eu me enfiei? Eu pensava em fazer intercâmbio, pensava em ter uma grande carreira... E ali talvez tenha sido a primeira cipoada da minha vida... Eu já me via querendo sair desse relacionamento, aí engravidado de novo... Aí me vejo tocando uma empresa, com duas crianças, a caçula não dormia, tinha bronquite todo mês... Ele (o marido) começou a fazer o curso pra policial, estava sempre ausente... Eu não dei conta! A depressão veio mostrar que eu não dava conta de tudo. Qual era o sentido de eu tentar dar conta de tudo?

A compreensão de não ter que ser capaz de tudo, aceitar-se como não mais que uma mãe suficientemente boa, como Winnicott apregoa, que não busca a perfeição, além de tirar um peso de cima da mulher, leva a uma relação harmoniosa e pacífica com os filhos, que ficam dispensados de ter que corresponder a um ideal de figura materna impossível de atingir (ZALCBERG, 2019).

A sobrecarga levou Tatiana à estafa:

Na época eu me sentia muito cansada. Eu só pensava que não era aquilo que eu queria pra mim. Foram vindo noites sem dormir, mais noites sem dormir, e nada mais fazia sentido – trabalhar não fazia sentido, cuidar da caçula não fazia sentido... Mas o senso de responsabilidade me fazia ir lá, abrir a academia, trabalhar... Eu sabia que precisava ser medicada, porque estava em estado de vigília constante, tentando dar conta de tudo. Até que fui parar no pronto-socorro.

Depois desse episódio, ela e o marido resolveram se afastar por um tempo e isso a fez ver o quanto estava se sentindo aprisionada no casamento, que terminou ali:

Quando ele quis voltar, passados uns 30 dias, eu já tinha sentido um vento nas costas, uma sensação de liberdade, de não ter que lidar com aquela pessoa todos os dias, de não me sentir presa em um relacionamento, poder decidir as coisas pela minha cabeça...

O desejo de liberdade também se manifestou ao falar de seu sonho, em que tem a sensação de voar quando pula para prender o leão e a tigresa no canil. Quanto aos felinos, ela associou inicialmente aos filhos, já que tem um casal, mas depois enfatizou que poderiam representar sua dificuldade de lidar com os lados masculino e feminino:

Esse sonho me marcou muito. Eu me pergunto muito sobre o que será que estou tentando prender no portão. Ou do que estou querendo me proteger? Das associações que tentei fazer, pensei que poderia estar diante das energias masculina e feminina, que eu não sei lidar...

Em seguida, Tatiana associou o ‘não saber lidar’ com um pensamento constante de autocobrança, dizendo nunca se achar boa suficiente e mencionando um sentimento de inadequação que carrega desde a infância. Esse sentimento, ela o atribui a situações vividas com as duas irmãs, que considera bastante vaidosas e “mais femininas”, e que ao longo da vida lhe disseram que se ela não mudasse a forma de se vestir e de se comportar nunca seria desejada pelos homens.

A respeito deste tema, Zanello cunhou a expressão “prateleira do amor”, em que as mulheres estariam expostas para serem escolhidas pelo olhar de um homem. Para ocupar um lugar de destaque no meio da concorrência, persegue-se um ideal estético que a cada dia torna-se mais exigente, excludente e instável:

Ser subjetivada na prateleira torna as mulheres bastante vulneráveis, pois mesmo a ocupação de um lugar privilegiado na mesma é da ordem do efêmero, visto que, ainda com o uso de produtos, é impossível não envelhecer (ZANELLO, 2018, p. 86).

Em nossa cultura, denuncia a autora, o amor é visto como uma questão necessária à identidade feminina, e, assim, representa “a maior forma (e a mais invisível) de apropriação e desempoderamento das mulheres” (ZANELLO, 2018, p. 83), afetando sua autoestima, colocando-as em disputa umas com as outras e alçando os homens a um lugar extremamente privilegiado por serem “aqueles que avaliam e julgam/escolhem as mulheres” (ZANELLO, 2018, p. 89).

Esses impactos puderam ser apreendidos do discurso de Tatiana, ao confessar que, diante das críticas das irmãs sobre sua aparência, carregou por muito tempo “uma sensação de insuficiência e fracasso como mulher”.

Voltando ao sonho, a entrevistada associou o leão à ideia de vigor: “*Ele é o rei dos animais, está sempre cercado de leões*”. Quanto ao outro felino, frisou que não sonhou com uma leoa, mas com uma tigresa, destacando que a tigresa cuida sozinha da prole, porque o tigre vai embora, e que é um animal muito solitário.

Cabe recordar que, ao interpretar sonhos, é fundamental se atentar aos seus fragmentos, partes, palavras, e não ao conteúdo como um todo. A ênfase que a participante deu à figura da tigresa chama a atenção. Sua imagem em si não possui um significado a priori, ela precisou ser inserida na cadeia de significantes da sonhadora para ganhar sentido.

Nota-se que, ao relatar a fase de exaustão que levou à sua separação, ela também mencionou se sentir sozinha. Assim, embora ela tenha inicialmente associado a tigresa à filha e à energia feminina, pode ser que também haja uma identificação não manifesta de si própria com o animal, junto a uma compreensão de que a maternidade é no fundo uma jornada solitária. Nesta perspectiva, sendo ela a tigresa presa junto ao leão, caberia se pensar quem é que estaria prendendo os animais para poder se libertar.

Quanto a projetos pessoais, Tatiana diz que as obrigações diárias com trabalho, casa e filhos tomam praticamente o tempo todo, e que não conseguir realizar seus desejos também causa sofrimento:

Eu acabo acumulando quereres. Vejo um monte de coisas que quero fazer e não estou fazendo, projetos que quero tocar e não consigo... Isso fica me cobrando mentalmente, exaure!! Uma porta aberta pra ansiedade e depressão.

Por outro lado, assume a dificuldade de dizer ‘não’ às demandas dos outros, expressando uma necessidade por reconhecimento externo:

Às vezes assumo uns compromissos sem pé nem cabeça, e fico me perguntando: por que eu não disse ‘não’? Será que é uma necessidade de a gente provar que dá conta? Acho que a gente quer se sentir validada por nós e pelos outros também.

Para Zanello, a fim de romper com essa situação em que se sente valorizada e insubstituível por atender a todos, a mulher precisa enfrentar um luto narcísico, criando outras formas identitárias e de reconhecimento. Para tanto, faz-se necessário que ela passe a se perguntar sobre seus próprios desejos e aspirações, e que consiga renunciar ao lugar de devotamento “no qual o olhar do outro nos coloca, e cuja imagem nos fascina” (ZANELLO, 2018, p. 155).

Por fim, em conclusão ao sonho, Tatiana imagina que, ao prender a energia do leão e da tigresa, ela possa voltar a voar, finalizando com a seguinte frase: *“Talvez na maternidade a gente se sinta presa o tempo todo”*.

A experiência subjetiva de se sentir presa é uma das ramificações do exigente modelo de maternidade contemporâneo, que pressupõe que “a consciência das mães deve estar tomada pela maternidade, seja qual for o contexto na qual se dá a relação com os filhos; caso contrário, serão consideradas mães ruins” (DONATH, 2017, p. 140). Percebe-se, ainda, que o significante ‘presa’ comporta uma ambiguidade: o sentido de estar presa, e o de ser presa de um predador.

Essa discussão retoma o desejo por liberdade expresso em sonhos relatados no capítulo anterior. Liberdade que diminui a partir do momento em que a mulher se descobre grávida e dificilmente voltará a ser como antes.

Já Paula, 42 anos, casada, mãe de um bebê de 1 ano (Luiza) e madrastra de uma criança de 9, diz estar sonhando muito com o trabalho – situações de estresse, medo de não cumprir prazos, cobranças do chefe. Sua filha nasceu no início da pandemia, e desde então ela concilia a maternagem com a profissão no modelo remoto. Expressa inseguranças quanto à volta ao trabalho presencial, agora que é mãe.

Sobre a descoberta da gestação, que não foi planejada, Paula disse que não ficou imediatamente feliz com a ideia e, sim, muito assustada. Em sua fala, deixa transparecer uma preocupação com julgamentos morais por não estar à época em um relacionamento fixo:

Eu sou a mais feliz hoje, mas na hora eu fiquei muito assim: Eita! Aí vêm várias coisas, né? Não era planejado, a minha ideia de relacionamento era outra, que para ter um filho tinha todo um contexto... Tinha que namorar a pessoa, casar...

Embora a entrevistada tenha se casado com o pai de sua filha após ter engravidado, a fala acima, além de demonstrar que o amor materno não é instantâneo e imediato, como se apregoa, também denuncia o receio do julgamento que permeia as chamadas ‘mães solo’, inteiramente responsáveis pela criação dos filhos.

Mesmo diante das transformações que vêm ocorrendo no que diz respeito às configurações familiares, essas mães ainda são julgadas por não se enquadrarem no padrão de maternidade estabelecido socialmente. Conforme denuncia Rich:

(...) maternidade é admirável somente se a mãe e a criança estiverem legalmente ligadas a um pai; a maternidade fora do casamento, ou dependente do sistema de bem-estar social, ou a maternidade lésbica, são mal-vistas, humilhadas ou negligenciadas (RICH apud MATTAR & DINIZ, 2012, p. 114).

Assim, percebe-se que as mulheres que criam seus filhos sozinhas – seja por não disporem de uma rede de apoio, seja por escolha própria –, encontram um sofrimento adicional ao ter que conviver com a reprovação da sociedade.

O temor de um julgamento social sobre o fato de ter engravidado solteira parece ter sido atenuado com a formalização do casamento. Segundo Paula, foi apenas a partir de seu novo estado civil que ela começou a assimilar a ideia de ser mãe e anunciou para os amigos sua gravidez.

Dos primeiros meses de vida de sua filha, suas lembranças remetem apenas a cansaço extremo:

No começo, eu não dormia nada. Ela mamava a madrugada inteira e meio que não dormia também. Aí a gente acordava e ficava tentando ninar... Mas no começo, sei lá quantos meses iniciais, era sem dormir, era um zumbizão. Eu tinha medo não era nem de botar ela na cama, era de, com ela mamando, eu dormir, porque eu vivia muito cansada.

Com o tempo, ela explicou que o cansaço foi mudando: disse que passou a conseguir dormir melhor, mas que agora tem que ficar correndo atrás da filha o tempo inteiro, o que lhe demanda atenção constante e tem dificultado muito suas atividades laborais, que estão ocorrendo na modalidade remota. Aqui já começa a ficar claro como o retorno ao trabalho tornou mais complicados os cuidados com a bebê, evidenciando as dificuldades de se conciliar maternidade e vida profissional.

Além disso, apareceu em seu discurso uma insatisfação com a desigual distribuição das tarefas domésticas e com a criança:

Por exemplo, em termos de trabalho, se hoje ele (o marido) está trabalhando e eu também estou trabalhando em casa, se alguém vai ser interrompido para cuidar da bebê ou da casa, sou eu, não é ele. Se ela estiver precisando de alguma coisa, sou eu quem ela vai procurar.

Segundo Donath (2017), o modelo de maternidade predominante no imaginário público coloca o cuidado com os filhos como responsabilidade quase exclusiva da mulher. Dessa forma, as tarefas maternas têm se tornado cada vez mais ambiciosas e pesadas, sobre um fundo de ansiedade e nervosismo (KNIBIEHLER apud BADINTER, 2011, p.82).

Mannoni acrescenta que essa responsabilização excessiva das mães acaba, inclusive, por beneficiar os pais, que dificilmente são julgados e criticados:

Não há como evitar: a mulher, como mãe, encontra-se na origem da “guerra dos sexos” que ocorre no inconsciente dos homens. Em nome da mãe excessivamente presente” e do “pai ausente”, ela está também na origem da relação de ódio-amor que as mulheres têm entre si mesmas. Sua função de educador é sempre marcada por “ter mãe demais ou de menos”. O pai, paradoxalmente, se beneficia em estar menos presente: é assim mais facilmente idealizado (MANNONI, 1999, p. 103).

Discorrendo sobre o cansaço inicial com a filha, uma interrupção no discurso de Paula deixou transparecer uma autocrítica diante da constatação de que a maternidade é uma tarefa árdua: *“Graças a Deus tive a licença maternidade. Isso é uma benção! Isso é uma benção na vida, porque é impossível...”* (baixa a cabeça e interrompe a fala sem concluir a frase. Fica em silêncio, pensativa).

Não ter concluído a frase sobre a impossibilidade dos cuidados com a filha sem a licença maternidade parece demonstrar a censura de um superego que não admite que a mãe possa falhar nas tarefas a ela demandadas, o que contribui para escamotear os sentimentos ambivalentes da maternidade. Conforme visto, o silenciamento de emoções é capaz de gerar sofrimentos psíquicos futuros.

Sobre a culpa, a entrevistada informou que o sentimento está presente em todos os momentos de cuidados com a filha: *“Ah, eu lembro que eu ficava toda hora me questionando se eu tava fazendo certo, se era isso mesmo, no que eu estava errando...”*

Essa constante autocobrança, observada na fala da entrevistada, permeia o sentimento de culpa materno e reforça a desigual distribuição das tarefas de que ela se queixou. Badinter alerta que esse sentimento vem sendo construído historicamente e representa um obstáculo para a emancipação das mulheres:

A volta com toda força do naturalismo, revalorizando o conceito gasto de instinto materno e louvando o masoquismo e o sacrifício femininos, constitui o maior perigo para a emancipação das mulheres e para a igualdade dos sexos. Os partidários dessa filosofia detêm uma arma incomparável para fazer os costumes evoluírem na direção que eles desejam: a culpa das mães (BADINTER, 2011, p. 207).

Assim, percebe-se que, diante de tantas exigências incrustadas no imaginário social sobre como as mães devem proceder, qualquer esforço na criação dos filhos sempre será visto como falho em alguma medida, contribuindo para aumentar ainda mais as angústias maternas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tem como propósito contribuir para o debate sobre o fenômeno da maternidade na sociedade contemporânea, diante da escassez de trabalhos que abordem os sentimentos de culpa e a ambivalência afetiva decorrentes de seu exercício.

Vale repetir que as mulheres que se dispuseram a participar deste estudo representam uma camada social específica da população e, muito embora os sofrimentos maternos aqui apresentados sejam comuns a muitas mães, não se deve desconsiderar que sua complexidade varia de acordo com o contexto social, situação socioeconômica, raça/etnia, idade etc. Assim, entendemos que novas pesquisas buscando investigar os sonhos e as falas de mulheres pertencentes a outros grupos pode contribuir para ampliar a discussão sobre este tema.

Do exposto ao longo do trabalho, constata-se que o ideal de maternidade contemporâneo, reforçado pelas visões psicanalíticas que colocam as mães como principais responsáveis pelo desenvolvimento físico e psíquico dos indivíduos, tem causado sofrimentos diversos nas mulheres que vivenciam a maternidade.

Cabe ressaltar que a psicanálise, por outro lado, ao atuar como um dispositivo que opera devolvendo ao sujeito, pela via da fala, a responsabilidade por seus desejos inconscientes, além de constituir uma prática que assume os paradoxos e ambivalências do sujeito não como algo a ser superado ou suprimido, mas como motor dos processos de transformação subjetiva, pode auxiliar na legitimação dos sentimentos e desejos maternos.

Tendo em vista que a transformação do sofrimento depende de como ele é reconhecido e de sua estruturação como narrativa (DUNKER, 2015), ou seja, da “forma como sua escrita é lida no corpo social” (RODRIGUES et al, 2021, p. 163) – espaço em que serão legitimadas as experiências que devem ser reconhecidas e aquelas que devem ser silenciadas –, percebe-se a importância de se dar voz aos impasses encontrados pelas mulheres na vivência da maternidade. Foi o que se procurou fazer nesta pesquisa ao abrir caminho para que os sentimentos maternos pudessem se manifestar nos discursos das participantes.

Por meio da análise de sonhos e entrevistas aqui apresentada, foi possível identificar, por exemplo, sentimentos maternos ambivalentes – como a autocobrança para ser uma mãe que atenda a todas as demandas e expectativas que lhe são endereçadas, ao mesmo tempo em que se confessa secretamente o desejo de fugir para uma ilha deserta deixando os filhos para trás. Conforme alerta Iaconelli, o ideal materno foi construído socialmente como uma tentativa de escamotear essas ambivalências, e isso inevitavelmente causa sofrimento:

Basta um exemplo corriqueiro: a mesma mulher que *deve* amamentar exclusivamente no seio até os seis meses (leia-se: ser uma boa mãe), *deve* retornar ao trabalho em quatro meses (boa profissional) e, ao mesmo tempo, *espera-se* que perca o peso acumulado na gestação (ser uma mulher boa!?). As idealizações, como sabemos, se prestam a negar a ambivalência, que não tardará a aparecer em outras cenas (IACONELLI, 2015, p. 105).

No entanto, o que se observa é que, mesmo diante de dificuldades, perdas, adaptações, conflitos de sentimentos e acúmulo de tarefas, o desejo de ser mãe ainda prevalece entre as mulheres. Legitimar os sofrimentos que decorrem da conciliação de seus variados papéis, desconstruir representações idealizadas acerca da maternidade e instituir redes de apoio efetivas são tarefas que podem contribuir para que a maternidade seja vivenciada de uma forma significativa e psicologicamente saudável.

Para que isso se torne possível, Mattar e Diniz destacam a importância de se promover uma maternidade exercida em um contexto de direitos humanos, ou seja: voluntária – fruto de uma escolha consciente da mulher e/ou do casal; segura – envolvendo o direito à vida, à liberdade e segurança pessoal, à saúde, à proteção e à não-discriminação da mulher; socialmente amparada – assumida como responsabilidade do casal, da família e da sociedade, e não exclusivamente da mulher; prazerosa – uma maternidade vivida de forma satisfatória física e emocionalmente (MATTAR & DINIZ, 2012).

Reforça-se, novamente, a importância de a maternidade não constituir a única fonte de desejos da mulher, tanto para um bom desenvolvimento psíquico de seus filhos, como para seu próprio equilíbrio emocional:

O que é importante para a criança é que sua mãe tenha um desejo fora dela, criança; é que sua mãe tenha uma razão de viver fora do lar. Essa conquista do feminismo não tem preço, tanto para o bem-estar do filho (que amará ainda mais sua mãe, por ela não viver a sua vida através dele), quanto para o equilíbrio da mãe, cujo universo não deveria ser limitado unicamente à família nuclear (MANNONI, 1999, p. 104).

Um dos sonhos relatados nesta pesquisa parece sintetizar em uma frase os dilemas da maternidade:

Sonho algumas vezes que estou perdida e não consigo achar o caminho de volta.

A expectativa por desempenhar todas as atribuições que dela se espera pode levar a uma sobrecarga e um automatismo que fazem com que a mulher acabe perdendo sua subjetividade. Assim, desejando nada perder, ela acaba perdendo a si mesma, se deparando com inseguranças e angústias quanto ao caminho que deve seguir.

Este fenômeno é observado mais claramente no que diz respeito à maternidade: por mais que a mulher se dedique a esta função, está sempre se achando insuficiente, se questionando, ‘perdida’ no papel de mãe. Nessa toada, segundo Iaconelli, a mulher é privada, inclusive, da possibilidade de fazer suas próprias escolhas:

A valorização social se dá para as mulheres que conseguem ser, ao mesmo tempo, boas profissionais, boas mães, mantendo-se jovens. Não se pode perder nada, portanto não se pode de fato escolher. Não há mais um modelo inequívoco de maternidade (IACONELLI, 2015, p. 105).

Para as mães que se sentem “perdidas” (arrisco-me a dizer que quase todas), vale lembrar que a maternidade não vem com manual de instruções. As dúvidas sobre a direção ideal na criação e educação dos filhos são inevitáveis e, uma vez que a mulher se torna mãe, sua vida realmente não voltará a ser a mesma (não à toa, a sonhadora perdida não acha o caminho de volta).

E que bom que seja assim! Concordando mais uma vez com Iaconelli, “filhos nos fornecem experiências preciosas e insubstituíveis. Oportunidades de lidar com os temas mais caros da existência humana e de estabelecer uma relação com alguém desde o começo absoluto da forma mais radical possível” (IACONELLI, 2020, p. 40).

Espera-se que este trabalho contribua para legitimar os sentimentos ligados à maternidade e que possibilite, em benefício de mães, filhos e todos que os cercam, que sua vivência ocorra de uma forma mais compartilhada, leve e prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTUNI, Patrícia Shalana; STENGEL, Márcia. Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 709-728, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2021.
- AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Mar. 2021.
- BADINTER, Elizabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BATISTA-SOARES, Jaqueline dos Santos. Análise do Discurso e Psicanálise: diálogos (im) possíveis?. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 28, 223-231, Nov. 2016.
- BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2019.
- BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- BENHAIM, Michèle. A intimidade materna: A contribuição da psicanálise na pesquisa sobre os bebês. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 72-83, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 nov. 2021.
- CARDOSO, Ana Carolina. Maternidade e Suas Vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da díade mãe-bebê. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 17, 2017.
- COMO 4 países europeus estão lutando para que seus cidadãos tenham mais filhos. **G1**, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/16/como-4-paises-europeus-estao-lutando-para-que-seus-cidadaos-tenham-mais-filhos.ghtml>. Acesso em 03 out. 2021.
- CORBANEZI, Elton. Sociedade do cansaço. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 335-342, Dec 2018 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702018000300335&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20 Mar 2019. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>.
- DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. O sonho como ficção e o despertar do pesadelo. *In*: BERADT, C. **Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler**. São Paulo: Três Estrelas, 2017. p. 9-26.

DUNKER, Christian et al. Apresentação. **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 9-22.

ESTECA, Fabiana Mara. A mãe e o desenvolvimento infantil nas teorias psicanalíticas. **Revista da Universidade Ibirapuera**, São Paulo, v. 4, 11-16, jul/dez 2012.

FARIAS, Ícaro. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. **Revista Humus**, Bahia, v. 3 n. 7 (2013): Dossiê da segunda semana de Filosofia - UESB-BA/Filosofia Prática: Ética, Estética e Política na construção do humano

FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar Augusto. Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 243-257, Dec. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000200007&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Mar. 2021.

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, Canoas, n. 42, p. 122-135, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 mar. 2021.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em Psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006.

FREIRE, Teresa Cristina G.; CHATELARD, Daniela S. O aborto é uma dor narcísica irreparável?. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 1007-1022, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FREUD, Sigmund. **Projeto de uma psicologia**. Trad: O. F. Gabbi Jr., Rio de Janeiro: Imago, 2003. (Texto original de 1895 e publicado em 1950)

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Edição comemorativa 100 anos. Trad: W. I. de Oliveira, Rio de Janeiro: Imago, 2001. (Texto original publicado em 1900)

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros Trabalhos**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. L. Meurer, Trad.; Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1914-1916)

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GELLIS, André; HAMUD, Maria Isabel Lima. Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. **Psicologia USP**, São Paulo, 2011, 22(3), 635-653.

GOMES, Isabel Cristina, LEVY, Lúcia. Psicanálise de família e casal: principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. **Aletheia**, São Paulo, v. 29, p 151-160, jan./jun. 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v.39, p. 13-21, 1995.

GURSKI, Rose; PERRONE, Cláudia. “Constelação”: sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. *In*: DUNKER, Christian. et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 109-130.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a.

HOMEM, Maria. **Trabalho emocional**. 29 jul. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TXEUkztR6po>. Acesso em 18 jul. 2021.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Anna Blume, 2015.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século XXI**. São Paulo: Contexto, 2020.

IANNINI, Gilson et al. “Presente”: Sonhos infamiliars. *In*: DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 35-69.

IANNINI, Gilson et al. “Presente”: Tempos de sonhar. *In*: DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 71-130.

IBGE. Relatório ‘Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil’ (2016). Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=downloads>>

IMBRIZI, Jaqueline et al. “Máquina de moer sonhos”: A pandemia e os sonhos das juventudes. *In*: DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 171-192.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, Jun. 2003.

IRIGARAY, Luce. **Esse sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. São Paulo: Ed. Senac, 2017.

KEHL, Maria Rita. **Os deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LAGOAS, Juliano Moreira; CHATELARD, Daniela S. Contribuições para uma Teoria Psicanalítica da Percepção: Da Regressão Alucinatória À Coisa do Desejo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 35, 2019. DOI: 10.1590/0102.3772e35432. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/23438>. Acesso em: 4 dez. 2021.

MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem**. Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MATTAR, L.D.; DINIZ, C.S.G. Reproductive hierarchies: motherhood and inequalities in women's exercising of human rights. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.16, n.40, p.107-19, jan./mar. 2012.

MILLER, Jaques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. **Opção Lacaniana online**. Nova série. Ano 5, número 15, nov 2014.

MORO, Marie Rose. Os ingredientes da parentalidade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 258-273, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142005000200258&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Mar. 2021.

MOURA, Danielle Ferreira Gomes. Maternidade e poder. **Rev.Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 387-404, jun 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 out. 2021.

NASIO, J.-D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. **Psicol. clin.** [online]. 2011, vol.23, n.2 [cited 2021-03-24], pp.101-115. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-5665.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

QUINET, Antônio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, 1(03), 57–76. Recuperado de <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780>

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RINALDI, Doris. (2001). **Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud**. In: U. T. Peres. (Org.) Culpa (pp. 193-200). São Paulo: Escuta.

RODRIGUES, Carla et al. “Mulheres”: mãe, sonhei com você: contar o trauma. *In*: DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 131-169.

ROSA, Miriam Debieux et al. “Despertar”: Você me dá seu sonho? Por uma política do despertar. *In*: DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempo de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p 223-244.

SARDENBERG, Cecília. Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. *In*: MOTTA, Alda; SARDENBERG, Cecília M. B.; GOMES, Márcia. **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas.** Salvador: NEIM/UFBA, 2000, p. 75-107.

SARTORI, Adriana; ZILBERMAN, Mônica. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Rev Psiq Clín.** 2009;36(3):112-21.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 111-121, jun 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 jun. 2021.

WORLD ECONOMIC FORUM. The Global gender gap report 2018. Disponível em <http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2018.pdf>. Acesso em 24 Fev. 2019.

ZALCBERG, Malvine. **De menina a mulher** – cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ANEXO A – Formulário



Sonhos na maternidade

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como objetivo analisar sonhos que se manifestam em gestantes e mães à luz da teoria psicanalítica. Será apresentado um Termo de Consentimento para participar da pesquisa, seguido de um espaço para relato de um sonho ou fragmento e uma coleta de dados sociodemográficos. Todos os dados são confidenciais e suas respostas serão mantidas em total sigilo. Agradecemos desde já pela contribuição.



[Switch account](#)



Sonhos na maternidade

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como objetivo investigar sonhos de mães e gestantes à luz da teoria psicanalítica, parte de um trabalho de conclusão do Curso de Psicologia vinculado ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, desenvolvido pela aluna Iris Maria de Oliveira Formiga, sob a orientação do professor Juliano Moreira Lagoas.

Os dados serão coletados anonimamente, sendo utilizados somente para a análise da pesquisa. Somente terão acesso aos dados a estudante e o professor anteriormente citados, respeitando princípios éticos e de confidencialidade. Sua participação é voluntária e você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Reforçamos que sua participação é de grande importância para a realização deste estudo.

Ao aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você declara ser maior de 18 anos e que, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, aceita voluntariamente fazer parte deste estudo.

Sobre o TCLE: *

- Declaro que li, tenho mais de 18 anos, concordo e aceito voluntariamente participar da pesquisa acima citada
- Declaro que li e não concordo

Com o quê você tem sonhado?

Você poderia relatar um sonho ou fragmento de sonho recente? *

Relate o sonho da forma mais espontânea possível, sem se importar com o sentido, a lógica ou a gramática utilizada.

Your answer

Você se lembra de alguma coisa que viu, pensou, leu e/ou vivenciou no(s) dia(s) anterior(es) ao sonho e que queira relatar? *

Your answer

Rotina de sono

Tempo médio de sono (em horas)

Choose



Você apresentou problemas de sono na gravidez? (como insônias, excesso de sono, pesadelos) *

Sim

Não

Caso tenha respondido SIM à pergunta anterior, quais problemas de sono foram apresentados?

Your answer

Dados sociodemográficos

Por favor insira os dados abaixo, eles nos auxiliam muito na hora de analisar os dados.

Estado civil *

- Casada / união estável
- Solteira
- Separada / divorciada
- Outro

Idade (somente números) *

Your answer _____

Escolaridade

 ▼

Profissão

Your answer _____

Raça *

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Renda familiar *

Choose

Está gestante? *

Sim

Não

Número de filhos *

Your answer

Idade dos filhos *

Your answer

Houve alguma intercorrência em sua(s) gravidez(es)? Qual?

Your answer

Há algum fato relevante ocorrido durante a gestação que você queria nos contar?

Your answer

Você realizou algum tipo de acompanhamento psicoterapêutico na gravidez? *

- Sim
- Não

Contato adicional

Não é obrigatório, mas nos ajudaria muito

Caso necessário, podemos entrar em contato para receber mais informações sobre seu sonho? *

- Sim
- Não

Se sim, por favor nos informe abaixo seu e-mail e/ou número para contato (com DDD)

Your answer _____

Sonhos na maternidade

Obrigada por compartilhar seu sonho conosco!

[View score](#)

[Submit another response](#)

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Ambivalências e sentimento de culpa na vivência da maternidade contemporânea

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Pesquisadora assistente: Íris Maria de Oliveira Formiga

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico desse estudo é investigar o fenômeno da maternidade na sociedade contemporânea, procurando compreender as estratégias adotadas pelas mulheres para lidar com os sentimentos de culpa e com os processos de sofrimento psíquico dela decorrentes.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa ou preencher um formulário com perguntas sobre o tema.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada ou o preenchimento do formulário.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Íris Maria de Oliveira Formiga, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador Responsável: Juliano Moreira Lagoas
Celular: (61) 998603-0139 E-mail: juliano.lagoas@ceub.edu.br

Pesquisadora Assistente: Íris Maria de Oliveira Formiga
Celular: (61) 98140-4600 E-mail: iris.formiga@hotmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

ANEXO C – Roteiro para Entrevista Semiestruturada

- 1 - Conte-me sobre sua primeira gestação (planejamento, pré-natal, parto).
- 2 - Como foram os primeiros dias após o nascimento de seu filho?
- 3 - Quais eram suas expectativas sobre ser mãe?
- 4 - Quais as maiores dificuldades com que você teve que lidar na maternidade?
- 5 - Quais mudanças principais você observou na sua vida pessoal após o nascimento de seu filho?
- 6 - Como é a sua dinâmica dos cuidados com seu filho?
- 7 - Como é a divisão das tarefas domésticas em sua casa??
- 8 - Como você concilia esses cuidados com sua profissão e vida pessoal?

ANEXO D – Parecer Consubstanciado do CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AMBIVALÊNCIAS E SENTIMENTO DE CULPA NA VIVÊNCIA DA MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA **Pesquisador:** JULIANO MOREIRA LAGOAS **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 51208821.0.0000.0023|

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.092.411

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado "Ambivalências e sentimento de culpa na vivência da maternidade contemporânea", sob relatoria principal do Professor Titular do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília Juliano Moreira Lagoas (Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília <http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília e as informações que seguem abaixo descritas constam nas Informações Básicas do Projeto e no Projeto de Pesquisa detalhado, ambos cadastrados na Plataforma Brasil.

- TIPO DO ESTUDO: Propõe-se a realização de pesquisa qualitativa psicanalítica, por meio da metodologia de análise de discurso, que visa a compreender o fenômeno da maternidade na sociedade contemporânea e as estratégias adotadas por mulheres para lidar com os sentimentos de culpa e de sofrimento psíquico dele decorrentes.
- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: As participantes serão mulheres, acima de 18 anos, que sejam mães, ou estejam em período gestacional.
- NÚMERO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA: Prospecta-se a participação de cinquenta mulheres.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: O recrutamento proposto será feito em grupos de mães nas redes sociais, procurando-se por mulheres que sejam mães ou gestantes, pretendendo-se realizar entrevistas presenciais.
- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Mulheres acima de 18 anos de idade que vivenciam a maternidade ou que se encontram em fase de gestação.
- CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Não há indicação.
- TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Não há indicação do locus de realização da pesquisa.
- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Para o desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador propõe-se a submeter o projeto à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa para, posteriormente, dar início ao recrutamento das participantes. O recrutamento será realizado em grupos de mães nas redes sociais. Com os esclarecimentos acerca dos objetivos da pesquisa, será solicitada, à participante, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento do formulário via Google Docs. Serão apresentadas questões de conteúdo sociodemográfico (idade, escolaridade, profissão, raça, renda familiar, estado civil, se está gestante, número de filhos, idade dos filhos, se houve intercorrência na gestação, qual fato relevante durante a gestação, se teve acompanhamento psicoterapêutico durante a gravidez) e uma questão relativa aos sonhos da participante. Pretende-se aplicar o questionário a aproximadamente 50 participantes e realizar duas entrevistas semiestruturadas, com participantes que serão convidadas diretamente via e-mail, dentre as recrutadas para o preenchimento do formulário. As entrevistas serão gravadas e transcritas, para análise posterior.
- MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES: A pesquisa foi dividida em duas etapas: inicialmente será aplicado um questionário, cujas perguntas serão elaboradas ao início da pesquisa; posteriormente, dentre as selecionadas para a resposta ao questionário, duas serão convidadas para uma entrevista semiestruturada. Nas entrevistas, pretende-se perguntar ou encaminhar a conversação a partir dos seguintes itens: "1 - Conte-me sobre sua primeira gestação (planejamento, pré-natal, parto); 2 - Como foram os primeiros dias após o nascimento de seu

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: oep.uniceub@uniceub.br

filho? 3 - Quais eram suas expectativas sobre ser mãe? 4 - Quais as maiores dificuldades com que você teve que lidar na maternidade? 5 - Quais mudanças principais você observou na sua vida pessoal após o nascimento de seu filho? 6 - Como é a sua dinâmica dos cuidados com seu filho? 7 - Como é a divisão das tarefas domésticas em sua casa?? 8 - Como você concilia esses cuidados com sua profissão e vida pessoal?" (segundo o projeto de pesquisa). O presente projeto propõe-se a realizar uma análise de discurso de mulheres que vivenciam a maternidade ou encontram-se em fase de gestação, utilizando conceitos psicanalíticos para a compreensão dos fenômenos estudados, com o propósito de observar conflitos ligados a sentimento de culpa e ambivalência que possam aparecer nos sonhos das participantes. Adotar-se-ão os seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas das participantes no discurso; (ii) localização dos pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) ~~evidenciamento~~ evidenciamento dos mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantamento das hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas e relatos das entrevistadas; (v) análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas e relatos das participantes, e, por fim; (vi) identificação dos elementos de expressão não-verbal.

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: As pesquisadoras valer-se-ão da utilização de e-mail e aplicativos do Google para a realização dos questionário.

Objetivo da Pesquisa:

A proposta de pesquisa visa a, principalmente, investigar o fenômeno da maternidade na sociedade contemporânea, com o intuito de compreender as estratégias adotadas pelas mulheres para lidar com os sentimentos de culpa e com os processos de sofrimento psíquico dela decorrentes. Secundariamente, a pesquisa busca, como objetivos específicos: (i) identificar os aspectos culturais e ideológicos subjacentes ao mito do amor materno; (ii) analisar as possíveis articulações entre sentimento de culpa e ambivalência afetiva; (iii) verificar o papel dos sentimentos de culpa na formação dos sonhos de mulheres em processo de gestação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o item V (Dos Riscos e Benefícios), da Resolução n.º 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas têm, em graus diferentes, riscos e benefícios em sua realização, que

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

são indicados pelo relator principal nas Informações Básicas do Projeto, como segue:

- **RISCOS:** Descritos pelo relator principal como de grau baixo, os riscos de mobilização de emoções e afetos nas mulheres entrevistadas.
- **BENEFÍCIOS:** Os pesquisadores apontam como benefício da pesquisa a contribuição para a formação de pesquisas e conteúdos sobre maternidade e processos de subjetivação dessa fase.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta da pesquisa mostra-se relevante para o conhecimento acerca do fenômeno da maternidade e as estratégias femininas para lidar com a experiência e os sentimentos de culpa e os processos de sofrimento psíquico dela decorrentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Feitas as considerações anteriores, passa-se aos critérios relativos aos termos de apresentação obrigatória.

Em primeiro lugar, a Folha de Rosto foi devidamente preenchida, possuindo o pesquisador qualificação exigida para o cadastramento na Plataforma Brasil de projetos de pesquisa, após averiguação de sua qualificação pelo Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>). Foi juntada, em separado, anuência da instituição proponente.

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado de forma adequada.

Não foram apresentados Termos de Aceite Institucionais, dispensado, porém, para a presente pesquisa.

Não foi apresentado Termo de Assentimento, dispensável, contudo, para a presente pesquisa.

Recomendações:

Endereço:	SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar		
Bairro:	Setor Universitário	CEP:	70.790-075
UF:	DF	Município:	BRASILIA
Telefone:	(61)3966-1511	E-mail:	cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 5.082.411

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o

Página 04 de

protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa se encontra apta a ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.081.730/21, tendo sido homologado na 18ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 22 de outubro de 2021.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 0, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 5.092.411

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1806681.pdf	30/09/2021 09:54:05		Aceito

Página 06 de

Outros	CartarespostaaoCEP2909.docx	30/09/2021 09:53:00	IRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMonoFinal.docx	29/09/2021 18:28:37	IRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA	Aceito
Outros	Folhaderostoassinada.pdf	27/08/2021 09:57:33	IRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	27/08/2021 09:56:40	IRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	17/08/2021 12:04:05	IRIS MARIA DE OLIVEIRA FORMIGA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 09 de Novembro de 2021

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br